

O Sionismo Cristão e o Papel de John Nelson Darby

Paul Richard Wilkinson



* Extraído com permissão autoral do livro “For Zion’s Sake” (Por Amor de Sião), de Paul Richard Wilkinson.

** O referido livro foi recentemente relançado com o título “Understanding Christian Zionism”.

OBS: *Veja-se a nota de esclarecimento que encabeça o capítulo 1*

PREFÁCIO

John Nelson Darby é o evangélico mais influente de que muitos cristãos nunca ouviram falar. Darby não apenas influenciou a formação do dispensacionalismo e do pré-tribulacionismo moderno, mas também foi o pioneiro no desenvolvimento de uma israelologia consistente que hoje provê a base teológica para a maioria dos cristãos sionistas. O Dr. Paul Wilkinson desenvolveu um trabalho exaustivo ao explorar as profundezas da extensa teologia de Darby e trazê-la à luz para que tanto adeptos como rivais possam compreender como se originaram tantas correntes doutrinárias evangélicas.

Ainda que formas antigas do restauracionismo tenham começado a surgir na Inglaterra no início do século 16, somente após a formulação de Darby de uma clara teologia cristã sionista, na metade do século 19, foi que essa corrente começou a amadurecer. O Dr. Wilkinson apresenta os elementos-chave que Darby usou para moldar uma teologia cristã sionista consistente, a qual tem exercido grande influência no evangelicalismo contemporâneo mundial.

O ponto de partida do sionismo cristão de Darby é sua elevada consideração pela *Escritura* e a aplicação plausível de uma hermenêutica literal, também conhecida como método histórico-gramatical-contextual. Conjugado com o desejo de glorificar Jesus Cristo em tudo, o sionismo cristão de Darby é construído sobre a base da doutrina neotestamentária de que a Igreja é o mistério não revelado no *Antigo Testamento* e, portanto, uma fase distinta no plano singular de Deus para a história. Tal visão a respeito da Igreja permitiu a Darby tratar como literais todas as promessas feitas a Israel, sem a necessidade de recorrer à Teologia da Substituição, que tem, desde os tempos pós-apostólicos, contaminado a Igreja e encorajado o antissemitismo. O entendimento de Darby acerca da distinção entre Israel e Igreja possibilitou que ele desenvolvesse uma teologia cristã sionista sólida.

Por amor de Sião também contribui ricamente para a apresentação da pessoa de Darby. Isso é importante para toda e qualquer pessoa que busca compreender e avaliar o desenvolvimento de seu sistema teológico. Críticos acusaram Darby de ser egoísta e enganoso, especialmente no desenvolvimento de sua doutrina pré-tribulacionista. O Dr. Wilkinson, entretanto, demonstra claramente que não há base histórica para relacionar a elaboração da doutrina do arrebatamento pré-tribulacionista a influências espúrias como as procedentes da jovem escocesa Margaret MacDonald ou Edward Irving e os irvingitas. Antes, o autor prova que a melhor interpretação da

evidência histórica conclui que Darby foi um estudioso das *Escrituras* extremamente hábil e bem treinado, formulando sua doutrina do arrebatamento com base no estudo pessoal da *Bíblia*. O Dr. Wilkinson argumenta que afirmar caluniosamente o contrário significa difamar o caráter de Darby e deturpar aquele que mostrou com sua vida ser um homem íntegro para quem a *Palavra de Deus*, não a influência humana, era o baluarte. Com efeito, Darby, durante toda sua vida claramente expôs as habilidades necessárias de um exegeta das Escrituras e demonstrou ter todos os recursos para produzir um pensamento genial. A confirmação de que a maior parte da sua obra foi produto da exegese bíblica é vista pelo modo como seus ensinamentos ressoam pelo mundo até os dias atuais.

A contribuição de Darby para o desenvolvimento de uma límpida teologia sionista cristã auxiliou a análise do Dr. Wilkinson que, brilhantemente, interage com muitos críticos da doutrina bíblica da restauração e do destino futuro de Israel. Seja expondo formas antigas da Teologia da Substituição, seja tratando de movimentos recentes, como o “palestinianismo cristão”, ele trouxe à luz a natureza sub-bíblica de vários ataques à Teologia Sionista Cristã.

Darby tem sido perseguido por seu ensino bíblico acerca da restauração de Israel e do retorno de Cristo. Contudo, conforme evidenciado pelo Dr. Wilkinson, seus ensinamentos apresentam a “bendita esperança” para a Igreja, e não o estopim para o Armagedom. Por fim, Darby cria que os fatos que precederão o Armagedom e o retorno de Cristo são de ordem sobrenatural, sendo impossível que qualquer grupo de pessoas dê início a uma cadeia de eventos humanos que resultem no cumprimento da profecia. Ele cria que, se Deus não trabalhar ativamente, esses eventos não acontecerão. Aliás, como já visto, a mão do Senhor já tem atuado na restauração do Estado de Israel.

O Dr. Paul Wilkinson, para a satisfação de todos os leitores, delineou copiosamente as crenças de Darby e colocou em perspectiva sua contribuição para a teologia evangélica em geral, e o sionismo cristão, em particular. *Por amor de Sião* comprova que Darby produziu um dos sistemas teológicos mais abrangentes e coerentes na história recente da Igreja. Sua importância e impacto permaneceram escondidos por muito tempo. Este livro merece, assim, uma leitura detida, independentemente de quem seja o leitor — acadêmico ou leigo — desde que deseje adquirir entendimento claro da história e do significado de muitos assuntos que estão na linha de frente do evangelicalismo, especialmente no que toca o importante tema do sionismo cristão.

Dr. Thomas Ice
Diretor-executivo
Centro de Pesquisa Pré-Tribulacionista
Liberty University
Lynchburg
Virginia, USA

NOTA DE ESCLARECIMENTO DOS PASTORES DA IBR

Este capítulo do livro *Por amor de Sião* está publicado aqui em porções separadas, em virtude do seu tamanho.

Queremos ressaltar que os pastores e mestres da Igreja Batista Redenção (IBR) não acolhem na íntegra o que é ensinado ou sugerido em todas essas porções. Por exemplo, a ideia de que a criação do Estado de Israel, em 1948, é o cumprimento de parte das profecias do *Antigo Testamento* referentes à Nova Aliança não é considerada por nós como correta. Também o aumento do número de judeus que passaram a morar em Israel a partir de meados do século 20

não acreditamos ser um fenômeno que cumpre as previsões proféticas ligadas à reunião do povo de Israel na terra prometida.

Ainda que estejamos seguros de que todos os fatos que tomam lugar na história estejam sob o total controle e administração de Deus e que, mesmo indiretamente, cooperem para a formação do cenário que servirá como pano de fundo para a concretização dos temas escatológicos, nossa convicção é de que eventos como esses acima referidos vão se concretizar de maneira muito mais gloriosa e também em conjunto com a transformação espiritual dos integrantes da nação eleita.

Ainda assim, optamos por publicar o presente material porque percebemos que, em que pesem as citadas discordâncias, há muitos ensinamentos preciosos no presente capítulo, pelo que encorajamos nossos irmãos a lê-lo, na expectativa de que esses mesmos ensinamentos edifiquem suas vidas, incrementem seu conhecimento e robusteçam sua esperança.

CAPÍTULO 1 — DEFININDO O SIONISMO CRISTÃO

“Por amor de Sião eu não sossegarei, por amor de Jerusalém não descansarei enquanto a sua justiça não resplandecer como a alvorada, e a sua salvação, como as chamas de uma tocha” (Isaías 62.1).

Introdução

O mundo tem acordado para a realidade de que a instituição do Estado moderno de Israel, em 1948, não pode ser explicada simplesmente em termos de sionismo político, mas deve levar em conta que um poderoso movimento cristão ocorreu em paralelo a isso. Baseado na interpretação literal da *Bíblia*, esse movimento influenciou a política externa britânica no Oriente Médio no século 19 e início do século 20, culminando na *Declaração Balfour*, em 1917, e tendo um significativo impacto na atual política externa norte-americana na região. Esse movimento é conhecido como sionismo cristão.

Numa entrevista publicada em 18 de agosto de 2005, no jornal árabe *Al-Sharq Al-Awsat*, Mahmoud al-Zahar, antigo líder do Hamas, declarou: “Nós não consideramos o Ocidente como inimigo, mas cremos que o sionismo cristão é criminoso”.¹ Mais recentemente, Ahmed al-Tamimi, líder religioso do Hamas, citou o sionismo cristão como inimigo do Hamas e “o maior perigo para a verdade, a justiça e a paz mundial”.² Num artigo datado de 2003, escrito para a revista *on-line The Globalist*, Michael Lind apresentou a seus leitores a figura de John Nelson Darby, afirmando que “uma versão peculiar de Darby sobre o cristianismo tem moldado a América do Sul por gerações. E agora, por meio dos republicanos conservadores do Sul, como George W. Bush, está moldando o Oriente Médio e o mundo”.³ Darby foi descrito por um crítico como “a figura mais influente no desenvolvimento do sionismo cristão” e “seu grande apóstolo e missionário”.⁴

¹ Jerusalem Newswire Editorial Staff, “Hamas: Christian Zionism is our Enemy”, *Jerusalem Newswire*, 22 de Agosto de 2005, <http://www.jnewswire.com/article/527,5June2006>.

² Stan Goodenough, “Christian Zionists are our Enemy: Hamas Authority has pro-Israel Christians in its Sights”, *Jerusalem Newswire*, 9 de maio de 2006, <http://www.jnewswire.com/article/896,5June2006>.

³ Michael Lind, “George W. Bush’s Holy War”, *the Globalist*, 23 de março de 2003, <http://www.theglobalist.com/DBWeb/StoryId.aspx?StoryId=3025,27July2006>.

⁴ Donald E. Wagner, *Anxious for Armageddon* (Scottdale, PA: Herald Press, 1995), p. 88-89.

John Nelson Darby, fundador dos Irmãos de Plymouth, de fato fez uma contribuição crucial para o desenvolvimento do sionismo cristão, mas vamos demonstrar como suas doutrinas têm sido deturpadas e mal-empregadas por eruditos crentes e não crentes. A falta de pesquisa crítica acerca das origens do sionismo cristão e a atitude cega dos acadêmicos que têm visto a teologia dispensacionalista predominante do sionismo cristão como de “pouco valor teológico ou religioso intrínseco”⁵ serão temas abordados e confrontados neste livro.

Em tempos em que o conflito no Oriente Médio mostra poucos sinais de estar chegando ao fim, e com muita culpa disso sendo indiscriminadamente imputada aos sionistas cristãos, nunca foi tão necessário definir esse movimento, traçar suas origens, delinear seu desenvolvimento histórico e avaliar seu impacto. Compararemos o sionismo cristão com o sionismo judaico e o confrontaremos com um movimento emergente, aqui denominado palestinianismo cristão. A vida e o ministério de Darby serão avaliados e alguns trabalhos biográficos serão corrigidos, antes mesmo de definirmos sua escatologia. Depois de explorarmos a história da crença evangélica britânica na restauração do povo judeu, o mito de que Darby roubou a doutrina do arrebatamento pré-tribulacional de seus contemporâneos será derrubado. O impacto fenomenal das doutrinas de Darby na igreja norte-americana será apresentado e serão expostos argumentos convincentes do porquê de os EUA superarem a Inglaterra como maior aliado de Israel e grande defensor do sionismo cristão. Este livro revela a verdade por trás de Darby e sua mensagem. Além disso, destaca o iminente retorno do Senhor Jesus Cristo como peça central de sua teologia.

Sionismo Judaico

De acordo com Max Dimont, *sionismo* significa apenas “o retorno a Sião”, uma ideologia que tem “permeado o pensamento judaico desde o início da diáspora”⁶. Rufus Learsi sustenta que a fé, o território e o povo “são os fios que formam o tecido histórico judaico” e que a restauração da nação ao seu antigo território é uma crença básica da fé ortodoxa⁷. De igual modo, David Aune descreve a terra de Israel como “o cenário indispensável para o estabelecimento do drama escatológico”.⁸ Como veremos, a relação entre fé, território e povo, que provê a base para nosso entendimento do sionismo, tem fortes raízes nas *Escrituras Hebraicas*, repletas de referências a “Sião”. Sião é sinônimo da cidade de Jerusalém (*Sl* 48.1,2), da terra de Israel (*Is* 51.3) e do próprio povo judeu (*Is* 51.15,16). Sião é tão central para a identidade judaica que o salmista escreveu no exílio: “Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita” (*Sl* 137.5). Sua importância também é enfatizada em escritos judaicos posteriores, como o *Midrash Transuma* (*Kedoshim* 10), que diz:

Assim como o umbigo está no centro do corpo humano, a terra de Israel é o umbigo do mundo (...), situada no centro do mundo, e Jerusalém está no centro da terra de Israel, e o santuário está no centro de Jerusalém, e o lugar santo está no centro do santuário, e a arca está no centro do lugar santo, e a pedra fundamental está em frente ao lugar santo, porque a partir dela o mundo foi fundado.

⁵ Philip S. Alexander, “Dispensationalism, Christian Zionism and the State of Israel”, *Presidential Lecture for the Manson Society* (Manchester: Faculty of Humanities, University of Manchester, 2001), p. 1.

⁶ Max I. Dimont. *Jews, God and History* (New York: The New American Library, Inc., 1962), p. 393.

⁷ Rufus Learsi. *Fulfilment: the epic story of Zionism* (New York: The World Publishing Company, 1951), p. 122.

⁸ David E. Aune and Eric Stewart. “From the Idealized Past to the Imaginary Future: Eschatological Restoration in Jewish Apocalyptic Literature” in: *Restoration: Old Testament Jewish and Christian Perspectives*, ed. by James M. Scott (Leiden Brill, 2001), p. 153.

Chaim Weizmann, “o homem que encarnou o sionismo diante do mundo fora da Palestina”,⁹ descreveu os judeus da diáspora como “uma espécie de fantasma sem corpo”. Em discurso à Comissão Real Palestina em 25 de novembro de 1936, ele fez a seguinte afirmação:

Creio que a principal causa geradora da situação singular dos judeus no mundo tem a ver com seu apego à Palestina. Somos um povo de dura cerviz e de longa memória (...). Seja para nossa desgraça, seja para nossa sorte, nunca esquecemos a Palestina, e esta perseverança, que tem preservado os judeus através das eras e ao longo de uma jornada que é quase uma longa corrente de desumano sofrimento, é primeiramente devido ao nosso apego físico e psicológico à Palestina. Nós nunca a esquecemos e nunca desistimos dela.¹⁰

Nahum Sokolow, sucessor de Weizmann na presidência da Organização Sionista Mundial (OSM), falou de maneira semelhante sobre “a ideia eterna, envolvente e inconquistável de um futuro nacional” para os judeus, que os acompanha “desde o berço até a sepultura” e que é “o segredo de sua longa existência”. Sokolow alegou que nunca houve “nada parecido com isso na história”.¹¹

Religião, Arte e Folclore

O *Amidá*, ou *Shemoneh Esreh* (As dezoito) “é a mais antiga, importante e característica oração do judaísmo talmúdico”.¹² A décima benção, conhecida como *Kibbutz Galuyot*, clama ao Senhor para que reúna os exilados, enquanto a décima-quarta, a décima-quinta e a décima-sétima clamam pela restauração do Reino de Davi, pela célere vinda do Messias e pela restauração do culto no Templo. O tema da restauração é encontrado em cada aspecto da vida judaica, desde a oração pelo alimento até os rituais judaicos de circuncisão, casamento e morte. Também é nítido que a observância das três maiores festas judaicas — Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos — levou as fragrâncias dos pomares e das vinhas da Palestina” aos cortiços e guetos da Europa e “alimentou a saudade do antigo lar”.¹³ Essas celebrações levaram a mesma fragrância aos campos de concentração nazistas.¹⁴

A centralidade da Eretz Yisrael

A destruição do segundo Templo e a ascensão do cristianismo que, por definição, foi messiânico e judaico, teve impacto crucial na escatologia do judaísmo rabínico. Além disso, a fracassada revolta de Bar Kokhba, em 135 d.C., encerrou definitivamente a crença de que a ação militar, nos moldes dos macabeus, podia ser empregada na era messiânica de modo a restaurar a nação de Israel. Ainda assim, pseudomessias como Sabbatai Zevi (1626-1676) periodicamente “despontavam nos céus da história judaica”¹⁵ reascendendo as antigas esperanças de um ressurgimento nacional messiânico. Dois entre os mais iminentes sábios judeus que sustentavam a crença na restauração de Israel foram Maimônides e Nachmanides. Maimônides

⁹ Golda Meir. *My Life* (London: Futura Publications Limited, 1978), p. 160.

¹⁰ Citado em Wilbur Smith, *Israeli-Arab Conflict and the Bible* (Glendale, CA: Regal Books, 1967), p. 62.

¹¹ Nahum Sokolow. *History of Zionism 1600-1918: Vol. I* (London: Longmans, Green and Co., 1919), p. xv.

¹² Stefan C. Reif. “Some Notions of Restoration in Early Rabbinic Prayer”, in: Scott. *Restoration*, p. 281.

¹³ Lears. *Fulfilment*, p. 21.

¹⁴ *Shema Yisrael: Testimonies of Devotion, Courage, and Self-Sacrifice 1939-1945*, retirado de *The Shema Encyclopedia*, by Yaakov Lavon (Southfield, MI: Targun Press, Inc., 2002).

¹⁵ Joseph Adler. *Restoring the Jews to their Homeland: Nineteen Centuries in the Quest for Zion* (Northveil, NJ: Jason Aronson Inc., 1997) p. 27.

(1135-1204) ensinou que o Messias surgiria para restaurar o reino de Davi e “reunir os dispersos de Israel”,¹⁶ enquanto Nachmanides (1195-1270) clamava por uma imediata colonização da terra pelos judeus, a fim de que cumprissem os *mitvoth*, ou “mandamentos”. Assim o messianismo judaico permaneceu como “uma vasta constelação de ideias”¹⁷ ao longo de toda a Idade Média.

No início do século 19, Claudius Buchanam, missionário anglicano na Índia, ficou surpreso ao descobrir a presença de literatura hebraica sobre a restauração de Israel nos lares dos judeus malabari que visitou. Ele registrou suas observações no livro *Pesquisas Cristãs na Ásia* (Christian Researches in Asia):

Desde que me encontrei entre essas pessoas e ouvi acerca de suas impressões a respeito das profecias, bem como acerca da sua confiante esperança de retorno a Jerusalém, empenhei-me em obter uma versão do *NOVO TESTAMENTO* em hebraico e fazê-la circular entre elas e seus irmãos do Leste (...). Tenho tido inúmeras conversas com os judeus sobre a sua presente situação e tenho sido impactado por duas realidades: sua constante referência à *DESOLAÇÃO* de Jerusalém e sua esperança segura de que um dia essa cidade será reconstruída.¹⁸

A pesquisa de Buchanam, negligenciada pelos historiadores sionistas, provê uma exposição em primeira mão da esperança restauracionista que permaneceu viva na diáspora judaica. W. D. Davies crê que esse apego à *Eretz Yisrael* (terra de Israel) tem “permanecido obstinadamente no fundo da consciência de muitos judeus”,¹⁹ apego que ele descreve como “uma espécie de cordão umbilical” e “a essência do judaísmo”.²⁰ Entretanto, apesar da migração de alguns indivíduos para aquela terra, nada havia sido feito no âmbito coletivo pelo povo judeu a fim de facilitar seu retorno, e isso até meados do século 19. Até então, sua esperança era expressa predominante na forma de saudosas orações.²¹

A questão judaica

Em 1842, o filósofo e teólogo alemão Bruno Bauer publicou o *Die Judenfrage* (*A Questão Judaica*), uma avaliação hostil da vida judaica na Europa, convocando os judeus a renunciar seu apego a Sião. Esse chamado ecoou pelas sinagogas do judaísmo reformista. Fundado por Israel Jacobson, em Seesen, Vestfália, o movimento reformista tentou harmonizar modernidade e tradição, podando radicalmente a liturgia e o ritualismo no que foi descrito como “uma tendência desmitificadora dentro do judaísmo”.²² Em novembro de 1890, em Chicago, numa conferência de cristãos e judeus organizada pelo cristão sionista William E. Blackstone, o rabino reformista Emil G. Hirsch, declarou:

Nós judeus modernos não desejamos reconquistar a Palestina. Nós perdemos a esperança na vinda de um Messias político e pessoal. O que afirmamos é: “O país em que

¹⁶ Gershom Scholem. *The Messianic Idea in Judaism* (New York: Schocken Books, 1974) p. 29.

¹⁷ Moshe Idel. *Messianic Mystics* (New Haven, CT: Yale University Press, 1998) p. 265.

¹⁸ Claudius Buchanam. *Christian Researches in Asia*, 3rd edn (Edinburgh: 1812) p. 216-218.

¹⁹ W. D. Davies. *The Gospel and the Land: Early Christianity and Jewish Territorial Doctrine* (London: University of California Press, 1974) p. 158.

²⁰ W. D. Davies. *The Territorial Dimension of Judaism* (London University of California Press, 1982) p. 36, 53.

²¹ Margaret Brearley. “Jerusalem in Judaism and for Christian Zionist” in *Jerusalem Past and Present and the Purposes of God*, ed. by Peter W. L. Walker (Carlisle: The Paternoster Press, 1994) p. 106.

²² Walter Riggans, *“Israel and Zionism”*. Edinburgh: Tha Handsel Press, 1988, p. 14.

moramos é nossa Palestina, e a cidade onde vivemos é nossa Jerusalém”. Não retornaremos... para formar novamente uma nação que nos pertença.²³

O movimento iluminista judaico conhecido como *haskalah* também surgiu nesse período e pode remontar aos escritos filosóficos do “Sócrates Alemão”,²⁴ Moses Mendelssohn. O *haskalah* tentou nutrir um patriotismo local entre o povo judeu por meio de um processo de assimilação cultural. Notáveis assimilacionistas, como Claude Montefiore, afirmaram que os judeus podiam se tornar cidadãos patriotas onde quer que vivessem. Conceitos religiosos foram espiritualizados e temas de cunho judaico-nacionalista superados. O exílio deixou de ser visto como manifestação do juízo de Deus, e sim como uma comissão divina tendo como alvo o mundo gentílico, a fim de que os judeus “agissem como professores e guias.”²⁵ Conhecido como *Maskilim*, seus discípulos mais proeminentes foram Yehuda Leiv Fordon, Lev Levanda, Moshe Leib Lilienblum e Eliezer Ben Yehuda, este último se tornaria o “proeminente criador do hebraico moderno”.²⁶ Esses homens “beberam profundamente na fonte do iluminismo.”²⁷ Entretanto, após os *pogroms* russos ocorridos no final da Páscoa de 1881, um Lev Levanda desanimado, “tomado de ardente desespero”, compreendeu que nunca um lar judaico poderia ser estabelecido em terra gentia. Ele, então, exortou seus companheiros judeus:

Vão agora para a única terra onde encontraremos alívio para nossas almas que têm sido hostilizadas por assassinos ao longo de milhares de anos. Nosso começo será humilde, mas no fim floresceremos.²⁸

Embora os *pogroms* russos tenham ajudado na mudança de opinião dos judeus, o chamado para retornar à terra já se fizera ouvir nos escritos de um número razoável de intelectuais judeus.

Em seu livro, *Sh'ma Yisrael (Ouve, ó Israel, 1834)*, O rabino sérvio Yehudah Alkalai apelou a seus compatriotas judeus para que retornassem à sua terra natal e, dessa forma, acelerassem sua redenção. Descrito como “o mais antigo protossionista”,²⁹ Alkalai foi profundamente impactado pelo “Libelo de Sangue de Damasco”³⁰, de 1840, o qual o inspirou a escrever *A Terceira Redenção* (1843) e *A oferta de Judá* (1843). O rabino polonês Zvi Hirsch Kalischer, inspirado por um movimento nacionalista italiano conhecido como *risorgimento*, escreveu *Emunah Yesharah (O Direito da Fé, 1843)* e *Drishat Zion (A Procura por Sião, 1862)*. Moses Hess foi profundamente influenciado pelo trabalho de Kalischer. Descrito como “o primeiro e verdadeiro visionário sionista”,³¹ Hess compreendeu que a única solução para a *questão judaica* era uma terra natal judaica. Ele também foi cativado pelo *risorgimento* que o inspirou a escrever *Roma e Jerusalém* (1862). O médico de Odessa, Leo Pinsker, deu novo ímpeto a essa tendência ao escrever seu influente *Auto-emancipação* (1882), descrito como “a primeira e mais completa articulação de uma doutrina sionista declarada abertamente como a solução para a questão

²³ Citado em Yakoov Ariel, *On Behalf of Israel: American Fundamentalist Attitudes toward Jews, Judaism, and Zionism, 1965-1945*. Brooklyn, NY: Carlson Publishing Inc., 1991, p. 70.

²⁴ Martin Gilbert, *Letter to Autie Fori: The 5,000-Year History of the Jewish People and their Faith*. London: Weidenfeld & Nicolson, 2002, p. 161.

²⁵ The Zionist Idea, ed. By Arthur Hertzberg. Westport, CT: Greenwood, 1959, p. 23.

²⁶ Howard M. Sachar, *A History Of Israel from the Rise of Zionism to our Time*, 2ª ed. New York: Alfred A. Knopf, 1996, p. 62.

²⁷ Leasri, *Fulfilment*, p. 44.

²⁸ Sachar, *A history of Israel*, p. 13.

²⁹ David J. Goldber, *To the Promised Land: A History of Zionist Thought from its Origins to the Modern State of Israel*. London: Penguin Books, 1996, p. 6.

³⁰ Os judeus foram falsamente acusados de matar um monge capuchinho e seu servo árabe com o objetivo de usar seu sangue na preparação do *matzah* para a Páscoa.

³¹ Geoffery Wheatcroft, *The Controversy of Zion*. London: Sinclair-Stevenson, 1996, p. 47.

judaica”.³² Na mente desses protossionistas, a assimilação não poderia garantir o futuro dos judeus na Europa.³³ Com o surgimento do antissemitismo político na Alemanha, ao fim do século 19, muitos judeus se convenceram de que a solução para a questão judaica se tornara urgente.

Em 1883, um jovem judeu patriota, Nathan Birnbaum, ajudou a fundar a Kadimah, a primeira fraternidade nacionalista de estudantes judeus da Europa Ocidental. Dois anos depois, ele lançou o primeiro jornal judaico da Alemanha, com o objetivo de promover o restabelecimento do povo na *Eretz Yisrael*. Foi na edição do *Selbstemanzipation* (Auto-emancipação) de 1º de abril de 1890, que o termo “sionismo” foi cunhado. Em 1893, ele publicou *O Renascimento Nacional do Povo Judeu em Seu Próprio País Como Meio de Resolver a Questão Judaica e Um Apelo a Todos os Homens de Pensamento Nobre e de Boa Vontade*, convocando um congresso internacional para discutir seus propósitos. A solução proposta por Birnbaum para a questão judaica preparou efetivamente o caminho para um movimento que finalmente “trouxe para bem perto a esperança e os velhos sonhos de uma terra natal judaica”.³⁴ Antes de examinarmos esse movimento e a influência de sua “figura central e produtiva”³⁵, Theodor Herzl, devemos dar atenção à ideologia cultural que se desenvolveu durante o século 19 e que viu a colonização da “Palestina” como meio de restaurar a cultura judaica e combater a influência da *haskalah*

Sionismo Cultural

Sir Moses Montefiore (1784-1885), por muitos anos o imbatível líder dos judeus ingleses no século 19, foi um dos pioneiros do sionismo cultural, primeiramente ao visitar a Terra Santa em 1827 e, posteriormente, ao estabelecer o Fundo para Cultivo da Terra da Palestina pelos Judeus. A principal força dirigente nesse campo, presente na Europa Ocidental, foi o rabino Samuel Mohilever, que ajudou a estabelecer o movimento Chibbath Zion (Amor por Sião) que, em meio aos *pogroms* russos, abriu caminho à Terra Santa com o anúncio “Rumo à Palestina”.³⁶

O nome mais associado ao sionismo cultural é o de Asher Ginsberg, que escrevia sob o pseudônimo Ahad Ha'am (um do povo). Descrito como “um implacável filósofo moral”³⁷ do movimento sionista, ele criticava as atividades de estabelecimento da Chibbath Zion, crendo que a resposta para a questão judaica era fazer da *Eretz Yisrael* um “centro nacional e espiritual do judaísmo”³⁸ livre dos valores europeus. Ginsberg foi um dos diversos críticos de Theodor Herzl, o homem que efetivamente transformou o sionismo, fazendo com que deixasse de ser “uma filosofia de armário” e se tornasse “um movimento de massas e um marco na história”.³⁹ Apesar das críticas de Ginsberg, “a vasta maioria”⁴⁰ dos envolvidos com o movimento Chibbath Zion juntou-se a Herzl e ao movimento político estabelecido por ele.

³² Bem Halpern, *The Idea of the Jewish State*, 2ª ed., Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969, p. 15.

³³ Eliezer Schweid, “The Rejection of the Diaspora in Zionist Thought: Two Approaches”, in *Essential Papers on Zionism*. Ed. By Jehuda Reinharz and Anita Shapira. London: Cassel, 1996, p. 149.

³⁴ Stanley A. Ellisen, *The Arab-Israeli Conflict: Who Owns the Land?* Portland, OR: Mult-nomah Press, 1991, p. 59.

³⁵ Hertzber, *The Zionist Idea*, p. 45.

³⁶ Dimont, *Jews*, p. 397.

³⁷ Goldber, *To the Promised Land*, p. 111.

³⁸ Leonard Stein, *Zionism*. London: Ernest Benn Ltd., 1925, p. 92.

³⁹ Hertzberg, *The Zionist Idea*, p. 40.

⁴⁰ *Encyclopaedia Judaica: Vol. XVI*. Jerusalem: Keter Publishing House Ltd., c. 1971, p. 1041.

O julgamento e a degradação pública em Paris do capitão Alfred Dreyfus, em 1894, foram a faísca que acendeu o “fogo sionista”⁴¹ no coração de Theodor Herzl, quando viu Dreyfus ser condenado injustamente por traição e sentenciado à prisão perpétua na ilha do Diabo. Durante a degradação pública, a multidão parisiense gritava “morte aos judeus”.⁴² Embora fosse, “de forma constrangedora, ignorante quanto à história do judaísmo e dos judeus”,⁴³ esse evento convenceu Herzl, um judeu aculturado, de que o antissemitismo surgiria como resultado da emancipação de seu povo.⁴⁴ Se a França, que foi a primeira nação a garantir direitos plenos aos cidadãos judeus em 1791, tratava um homem da estatura de Dreyfus de forma tão inaceitável, que esperança havia para os judeus da Europa como um todo? Dezoito meses depois, Herzl publicou *Der Judenstaat* (*O Estado Judeu*), no qual ele ressuscitou a “mui antiga”⁴⁵ ideia de restaurar a pátria judaica. O manifesto sionista foi concebido “num rompante de energia obsessiva”⁴⁶ na época em que Herzl trabalhava como correspondente para o jornal francês *Neue Freie Press* e, em fevereiro de 1896, “atingiu o mundo como a descarga de um raio”,⁴⁷ reacendendo “com visão profética”⁴⁸ o sonho restauracionista que durante séculos estivera “politicamente inarticulado e, portanto, praticamente inoperante”.⁴⁹ Esse “profeta apressado”⁵⁰ não tinha dúvidas: “Os Macabeus se levantarão novamente”.⁵¹

Apesar da oposição do Comitê Executivo da Associação de Rabinos da Alemanha, que acusou o sionismo de prejudicar o dever judaico “de servir com toda devoção à pátria”⁵² a qual os judeus pertenciam, o movimento sionista moderno foi oficialmente inaugurado por Herzl no dia 29 de agosto de 1897, no Primeiro Congresso Sionista, em Basileia, na Suíça. Em seu discurso de abertura no Stadt Casino Concert Hall, Herzl descreveu o sionismo como “a volta dos judeus ao lar judaico antes mesmo de sua volta à terra judaica”⁵³ e declarou que um dos objetivos do movimento seria “a transformação da questão judaica na questão de Sião”.⁵⁴

A fim de garantir “um lar pública e legalmente reconhecido na Palestina, Herzl cria que a “autoconsciência e a consciência nacional”⁵⁵ precisavam ser fortalecidas e o apoio internacional solicitado. Mais motivado politicamente do que teologicamente, Theodor Herzl alienou as comunidades ortodoxas judaicas ao centralizar a responsabilidade pela restauração de Israel mais no povo judeu do que no Messias judaico. Segundo escreveu no *Der Judenstaat*: “Teremos

⁴¹ Claude Duvernoy, *The Prince and the Profet* (Christian Action for Israel, 1979), p. 71.

⁴² Em 1906, ele foi exonerado, reinstalado e condecorado com a Medalha da Legião de Honra.

⁴³ Goldberg, *To the Promised Land*, p. 30.

⁴⁴ *The Complete Diaries of Theodor Herzl*; Vol. I, Raphael Patai (London: Herzl Press & Thomas Yoseloff, 1960), p. 9.

⁴⁵ Theodor Herzl, *The Jewish State*, 6th ed. (London: H. Pordes, 1972), p. 7.

⁴⁶ Virginia H. Hein, *The British Followers of Theodor Herzl: English Zionist Leaders, 1896-1904* (New York: Garland Publishing Inc., 1987), p. 1.

⁴⁷ Abba Eban, *My People: The Story of the Jews* (New York: Behrman House, Inc., 1968), p. 330.

⁴⁸ Walter Clay Lowdermilk, *Palestine: Land of Promise* (London: Victor Gollancz Ltd., 1944), p. 15.

⁴⁹ Joseph Heller, *The Zionist Idea* (New York: Schocken Books, 1949), p. 215.

⁵⁰ Walter Laqueur, *A History of Zionism* (New York: Schocken Books, 2003), p. 135.

⁵¹ Herzl, *The Jewish State*, p. 79.

⁵² Sachar, *A History of Israel*, p. 44.

⁵³ WZO, “Discurso de abertura de Theodor Herzl no Primeiro Congresso Sionista”, <<http://www.wzo.org.il/en/resources/view.asp?id=13677subject=28>, 1 May 2006>.

⁵⁴ Herzl, *The Jewish State*, p. 14.

⁵⁵ Laqueur, *A History of Zionism*, p. 106.

no final uma teocracia? Certamente não... Todos serão tão livres e seguros em sua fé ou em sua descrença como o são em sua nacionalidade”.⁵⁶

Entre Herzl e a comunidade ortodoxa havia a posição intermediária dos sionistas “religiosos”. Enraizados no hasidismo, eles criam que a obra para a restauração do Estado judeu não era incompatível com a crença de que somente o Messias poderia viabilizar a redenção de Israel. Em 1902, Rav Yitzchak Yaacov Reines, um homem de “mente intrépida e original”,⁵⁷ fundou a organização Mizrachi, em Vilna, Lituânia, com o lema “*Am Yisrael B'Eretz Israel al pi Torat Israel* — o povo judeu na terra de Israel vivendo de acordo com a *Torá* de Israel”.⁵⁸ Porém, “o profeta e líder do sionismo religioso”⁵⁹ foi Abraham Isaac Kook, um erudito talmúdico da Letônia e o primeiro rabino-chefe Asquenaz do novo *yishuv*.⁶⁰ Em seu livro, *O Destino e a Nacionalidade Judaicas* (1901), Kook enfatizou o inter-relacionamento singular entre o povo e a Terra, argumentando que nenhum dos dois podia ser redimido isoladamente. Um contemporâneo de Kook, o rabino ortodoxo húngaro, Yissakhar Shlomo Teichthal, também enfatizou a singularidade dessa inter-relação depois de ter sido “convertido” de sua posição antissionista durante o Holocausto. Teichthal colocou grande parte da culpa do sofrimento judaico na seita *haredi* do judaísmo ortodoxo que se opunha ao movimento sionista. Ele também cria que os judeus assimilados culturalmente haviam vendido o direito de primogenitura de Israel “por um prato de lentilhas às nações”, e convocou seu povo a retornar à Terra com o seguinte apelo apaixonado: “Depois de todo sofrimento que se nos abateu, e de toda a dor impetrada a nós por nossa madrastra, a terra do exílio, somente *Eretz Yisrael*, nossa verdadeira mãe, pode nos confortar”.⁶¹

Embora Herzl tivesse assinalado sua intenção de garantir um lar na “Palestina”, ele estava disposto a considerar outras opções territoriais, incluindo Argentina, Chipre, Península do Sinai e Uganda. Na esteira dos *pogroms* de Kishinev, de 1903, Herzl acreditava que a britânica “Proposta de Uganda”⁶² oferecia ao povo judeu um *nachtsyl* (abrigo noturno), ou um refúgio temporário, até que um lar permanente na “Palestina” fosse assegurado. Contudo, após uma combinada oposição de seu “mais implacável oponente”⁶³, Menahem Mendel Ussishkin, Herzl recebeu um ultimato para rejeitar Uganda ou abandonar o movimento sionista. Foi nesse ponto que Herzl se convenceu do vínculo indestrutível entre o povo judeu e “seu inesquecível e histórico lar”.⁶⁴ A proposta ugandense foi finalmente rejeitada no Sétimo Congresso Sionista, em 1905, um ano depois da morte de Herzl.⁶⁵ Numa reunião em Manchester, no ano seguinte, um perplexo Arthur Balfour, então líder do Partido Conservador, pediu que Chaim Weizmann explicasse essa decisão. Weizmann lembrou mais tarde a conversa que se seguiu:

⁵⁶ Herzl, *The Jewish State*, p. 71.

⁵⁷ Learsi, *Fulfilment*, p. 123.

⁵⁸ *Encyclopaedia of Zionism and Israel*: Vol. II, ed. Raphael Patai (New York: Herzl Press, 1971), p. 791.

⁵⁹ Jacob Agus, “Preface 1,” in *Abraham Isaac Kook: The Lights of Penitence, The Moral Principles, Lights of Holiness, Essays, Letters, and Poems*, ed. and trans. Ben Zion Bokser (New York: Paulist Press, 1978), p. xi.

⁶⁰ O nome dado ao post-1881 Colonos judeus na Terra que haviam fugido dos pogroms.

⁶¹ Yissakhar Shlomo Teichthal, *Em HaBanim Semeha: Restoration of Zion as a Response during the Holocaust*, ed. and trans. Pesach Schindler (Hoboken, NJ: KTAV Publishing House, Inc., 1999), p. ix, 68, 195.

⁶² Nathan Ausubel, *The Book of Jewish Knowledge: An Encyclopedia of Judaism and the Jewish People, Covering all Elements of Jewish Life from Biblical Times to the Present* (New York: Crown Publishers, Inc., 1964), p. 532.

⁶³ Sachar, *A History of Israel*, p. 62; cf. Joseph Klausner, *Menahem Ussishkin: His Life and Work* (London: The Joint Zionist Publication Committee, 1944), p. 40, 61-62.

⁶⁴ Herzl, *The Jewish State*, p. 30.

⁶⁵ Consternados com a decisão, vários dos delegados saíram do WZO para formar a Organização Territorial Judaica. Sob a liderança de Israel Zangwill, o objetivo desses sionistas “territoriais” era garantir soberania política em qualquer território viável.

“Sr. Balfour, digamos que eu oferecesse a você Paris em vez de Londres, você aceitaria?” Ele sentou-se, olhou para mim, e respondeu: “Mas Sr. Weizmann, nós temos Londres.” “Isso é verdade”, eu disse. “Mas nós tínhamos Jerusalém quando Londres ainda era um pântano.”⁶⁶

Após a morte de Herzl, Weizmann buscou reconciliar as facções práticas e políticas que surgiram dentro do movimento sionista desenvolvendo uma forma “sintética” de sionismo. No Oitavo Congresso Sionista de 1907, ele deu considerável ênfase à necessidade de obter apoio à causa sionista entre os judeus da diáspora. Sem subestimar a diplomacia política,⁶⁷ Weizmann defendeu iniciativas práticas que promoveriam a *aliyah* (a imigração judaica para a terra de Israel), aumentariam o interesse dos colonos judeus pela Terra e encorajariam contribuições para o Fundo Nacional Judaico (FNJ). O FNJ foi fundado no Quinto Congresso Sionista, em 1901, com o propósito específico de comprar terras para colonos judeus, cuja grande parte foi adquirida de proprietários ausentes a preços exorbitantes. Como Weizmann observou com tristeza: “Nós descobrimos que tivemos de cobrir o solo da Palestina com ouro judeu”.⁶⁸ Em uma reportagem publicada em *The Geographical Magazine*, em 1936, Michael Langley descreveu como a terra estava sendo adquirida “por direito de compra” dos proprietários árabes “que se enriquecem com a venda de acres de terra, até esse momento”.⁶⁹ Só em 1934, 7 milhões de libras foram gastas com apenas 28 mil acres. O ex-terrorista palestino, Walid Shoebat, colaborou com a reportagem com um relato de primeira mão sobre muitos árabes conhecidos dele, incluindo seu avô, que venderam terras para os judeus “porque conseguiram um bom preço por propriedades consideradas por eles de pouco valor”.⁷⁰

Em seu diário de 3 de setembro de 1897, Herzl declarou: “Em Basileia eu fundei o Estado judeu” e, então, como se dotado de percepção profética, continuou: “Se eu disser isso em voz alta hoje, serei alvo de uma gargalhada universal. Talvez em cinco anos, e certamente em cinquenta, todos tomarão conhecimento disso. A fundação de um Estado está na vontade do povo, sim, e até mesmo na vontade de um indivíduo suficientemente poderoso.”⁷¹ De modo notável, cinquenta anos mais tarde, em 29 de novembro de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas votou em favor da *Resolução 181*, que pediu a partição da “Palestina” Ocidental e preparou o caminho para a fundação do atual Estado de Israel. Moshe Dayan descreveu o voto como “a vitória do judaísmo” cumprindo o “antigo anseio — o retorno a Sião livre e independente”.⁷² No entanto, como Moisés, Herzl estava destinado a ver a Terra Prometida “somente de longe”.⁷³

O Renascimento de uma Nação

O Partidarismo provou ser a força do movimento sionista, atraindo judeus de todas as posições ao longo do espectro ideológico.⁷⁴ Porém, com exceção dos sionistas religiosos, a maioria de seus líderes não foi motivada teologicamente a falar “por amor de Sião” (*Is* 62.1). Apesar dos

⁶⁶ Chaim Weizmann, *Trial and Error: The Autobiography of Chaim Weizmann* (London: Hamish Hamilton, 1949), p. 144.

⁶⁷ Insatisfeito com a abordagem de Weizmann, Vladimir (Ze'ev) Jabotinsky abandonou o WZO e, em 1925, fundou a Aliança Sionista Revisionista. Seu objetivo era fazer pressão sobre o governo britânico para garantir um estado judeu nas duas margens do Rio Jordão.

⁶⁸ Weizmann, *Trial and Error*, p. 316.

⁶⁹ Michael Langley, “*Back to the Land' in Palestine*”, *The Geographical Magazine*, July 1936.

⁷⁰ Walid Shoebat, *Why I Left Jihad: The Root of Terrorism and the Return of Radical Islam* (USA: Top Executive Media, 2005), p. 162.

⁷¹ *The Complete Diaries*: Vol. II, Patai, p. 581.

⁷² Moshe Dayan, *Story of My Life* (London: Sphere Books Limited, 1978), p. 83.

⁷³ Lance Lambert, *The Uniqueness of Israel* (Eastbourne: Kingsway, 2002), p. 145.

⁷⁴ Lears, *Fulfilment*, p. 122.

esforços feitos pelo movimento da Reforma no sentido de eliminar a conexão entre o povo judeu e a Terra, uma coisa é clara: o sionismo é parte integrante do judaísmo. Ao retratar a religião judaica como “um triângulo cujos ângulos são a fé, o povo e a terra”, Marmur acertadamente argumenta que a ausência de um dos ângulos “constitui uma distorção do judaísmo”.⁷⁵ Os três foram apresentados de forma bem definida às 16 horas da sexta-feira, dia 14 de maio de 1948, quando David Ben Gurion, “o mensageiro do socialismo pioneiro”,⁷⁶ proclamou ao mundo a *Declaração de Independência do Moderno Estado de Israel*. Baseando-se na história bíblica e no antigo apego dos judeus à terra,⁷⁷ ele declarou que o sonho sionista havia se cumprido.⁷⁸ Depois de um período de “tremenda instabilidade”, o “centro de gravidade do povo judeu”⁷⁹ havia finalmente se estabilizado. O povo judeu não estaria mais “à deriva na corrente da história”,⁸⁰ pois Israel agora tinha “um lugar no mapa”, e o judeu errante, “um lar para onde retornar”.⁸¹ Golda Meir, uma das signatárias do *Pergaminho da Independência*, descreveu sua reação: “O Estado de Israel! Meus olhos lacrimejavam e minhas mãos tremiam. Nós conseguimos. Havíamos trazido o Estado Judeu à existência — e eu, Golda Mabovitch Meyerson, tinha vivido para ver esse dia... O longo exílio chegara ao fim”. Tendo em mente as palavras proféticas de Herzl escritas 50 anos antes, ela declarou: “E assim aconteceu”.⁸²

O restabelecimento do Estado Judeu tem sido descrito como “o evento mais espetacular em quase dois mil anos de história judaica”.⁸³ No que diz respeito aos cristãos sionistas, o renascimento de Israel foi de fato um milagre, mas um milagre que eles creem ser o prenúncio de um evento maior — o retorno do Messias judaico.

Sionismo Cristão

O sionismo cristão é um tipo de guarda-chuva sob o qual se reúnem muitos cristãos que apoiam Israel. No entanto, embora haja certo consenso entre os que reconhecem os propósitos proféticos de Deus para Israel, e que apontam para 1948 como o cumprimento da profecia, há considerável desacordo entre eles no tocante à interpretação das *Escrituras* nos textos que falam sobre o arrebatamento da Igreja, a identidade e o papel do Anticristo, a Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Eu creio que o sionismo cristão, devidamente definido, incorpora os seguintes elementos-chave:

1. A clara e bíblica distinção entre Israel e Igreja.
2. O iminente arrebatamento da Igreja antes da Grande Tribulação.
3. O retorno dos Judeus à Terra.

⁷⁵ Dow Marmur, “*The Future of the Jews*,” in *Renewing the Vision: Rabbis Speak Out on Modern Jewish Issues*, ed. Jonathan Romain (London: SCM Press Ltd., 1996), p. 178.

⁷⁶ Abba Eban, “Introduction,” in *Israel: The First Forty Years*, ed. William Frankel (London: Thames and Hudson Ltd., 1987), p. 10.

⁷⁷ O hino nacional de Israel, HaTikvah (“A Esperança”), diz: “Enquanto o espírito judaico anelar no fundo do coração, Com os olhos voltados para o Oriente, olhando para Sião, Então nossa esperança - esperança de dois mil anos - não será perdida: Ser um povo livre em nossa terra, A terra de Sião e Jerusalém. ”

⁷⁸ Quoted in William L. Hull, *The Fall and Rise of Israel: The Story of the Jewish People during the time of their Dispersal and Regathering* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing Company, 1954), 321-23.

⁷⁹ Herman Wouk, *This Is My God: The Jewish Way of Life*, Revised ed. (London: Collins, 1979), 259.

⁸⁰ Lears, *Fulfilment*, 408.

⁸¹ Jill Hamilton, *God, Guns and Israel: Britain, the First World War and the Jews in the Holy Land* (Stroud: Sutton Publishing Limited, 2004), 251-53.

⁸² Meir, *My Life*, 185.

⁸³ Rufus Lears, *The Jews in America: A History* (New York: The World Publishing Company, 1954), 230.

4. A reconstrução do Templo.
5. O surgimento do Anticristo.
6. O período de sete anos conhecido como Grande Tribulação.
7. A salvação nacional dos judeus.
8. O retorno de Cristo a Jerusalém.
9. O reino milenar de Cristo na Terra.

Ao expor essas definições, não é minha intenção criar barreiras com nenhum amigo cristão de Israel. Porém, esse trabalho é necessário para dissipar confusões, corrigir mal-entendidos e prover uma base bíblica sadia para fundamentar “amizade” e apoio. Por isso, em momentos oportunos, usarei citações daqueles que não concordam com minha definição, mas cuja contribuição considero valiosa.

O Distintivo Sionista

Segundo Edward Flannery, sem o sionismo cristão “é bastante improvável que o atual Estado de Israel tivesse vindo à existência da forma tão rápida como veio”.⁸⁴ A *Encyclopaedia of Zionism and Israel* também credita ao sionismo cristão “grande relevância”⁸⁵ para o movimento sionista, enquanto Lawrence Epstein sugere que pouquíssimas pessoas compreendem “o quanto os cristãos contribuíram em prol do movimento sionista e da nação de Israel”.⁸⁶

Descrito como “um cristão premilenista com orientação pró-sionista”,⁸⁷ o norte-americano G. Douglas Young, fundador do Instituto Israelense Norte Americano de Estudos Bíblicos em Jerusalém, escreveu a seguinte carta para o jornal *Jerusalém Post*, datada de 26 de outubro de 1975:

Prezado Senhor,

Tenho sido acusado de ser sionista — um cristão sionista — por alguns de meus colegas cristãos de Israel e de áreas administrativas. Gostaria de, por meio desta, agradecer-lhes o elogio. Sendo, de fato, cristão, meus amigos judeus, dentro e fora de Israel, têm me rotulado como cristão sionista e, por isso, quero agradecer a eles também e fazê-los saber que isso produz em mim um sentimento muito agradável. Eu me entristeço por causa dos meus amigos cristãos, e peço desculpas pela postura de alguns deles que se mantêm em silêncio e ainda não se identificaram publicamente com o sionismo, talvez porque não o compreendam ou porque temam certas consequências. Sempre considerei um gesto grandioso o fato de o rei da Dinamarca e seus súditos terem usado uma faixa amarela quando os nazistas tentaram, por esse meio, distinguir os judeus naquele país. Agora estou feliz em poder usar uma identificação semelhante.⁸⁸

⁸⁴ Edward H. Flannery, “Christian Zionist Ethos should be Revived”, *Providence Journal-Bulletin*, 26 april de 1997, <http://pqasb.pqarchiver.com/projo/results.html?QryTxt=christian+zionist+ethos&submit=Go>, 6 June 2006.

⁸⁵ *Encyclopaedia of Zionism and Israel: Vol. II*, Patai, 948.

⁸⁶ Lawrence J. Epstein, *Zion’s Call: Christian Contributions to the Origins and Development of Israel* (London: University Press of America, 1984), ix.

⁸⁷ Yaakov Ariel, “How are Jews and Israel Portrayed in the Left Behind Series? A Historical Discussion of Jewish-Christian Relations”, in *Rapture, Revelation, and the End Times: Exploring the Left Behind Series*, Bruce David Forbes and Jeanne Halgren Kilde, eds. (New York: Palgrave Macmillan, 2004), 145.

⁸⁸ Quoted in Calvin B. Hanson, *A Gentile, With the Heart of a Jew* (Nyack, NY: Parson Publishing, 1979), 294-95.

A carta de Young é muito importante. Inúmeros cristãos decidiram usar a faixa sionista como uma marca de solidariedade ao povo e ao Estado judeus, e como uma forma de se distanciar daqueles que, teologicamente, substituíram Israel e, politicamente, se opuseram à nação. No seu livro, *Standing with Israel: Why Christians Support the Jewish State* (2006), o escritor judeu David Brog descreve os sionistas cristãos como “os herdeiros ideológicos dos gentios piedosos que salvaram os judeus durante o Holocausto”, e os que hoje estão “usando a estrela amarela”.⁸⁹

O termo favorito dos historiadores ao investigar o interesse dos cristãos no retorno dos judeus à Terra é “restauracionismo”, mas esse rótulo é muito amplo, abrangente demais e insuficiente para explicar as complexidades teológicas envolvidas na questão. Sendo o sionismo cristão basicamente escatológico, qualquer pesquisa que não se familiarize com o vocabulário teológico estará fadada ao fracasso. Embora não seja fácil distinguir as várias constelações escatológicas que num primeiro instante parecem idênticas, muito cuidado é necessário para que a identificação correta do “sionismo cristão” seja feita.

Os Fundamentos do Sionismo Cristão

O distintivo do sionismo cristão tem sido fixado de forma indiscriminada nos membros da igreja confessional. Isso é visto claramente entre os protestantes liberais que expressam solidariedade ao Estado Judeu, seja por motivos humanitários, seja para expiar crimes cometidos contra o povo judeu em nome do cristianismo, ou simplesmente como meio de defender conceitos bíblicos de libertação e justiça social. No entanto, a história desse movimento é relativamente recente quando posta ao lado da história de seu correspondente bíblico, evangélico e escatologicamente orientado. Aliás, quando comparados, o impacto do movimento liberal é secundário. Basta observar o sucesso do livro de Hal Lindsey, *A Agonia do Grande Planeta Terra*, que vendeu 28 milhões de cópias na década de 1970, e o fenômeno da série *Deixados para trás*, sobre o arrebatamento da igreja, que encabeçou as listas dos mais vendidos e “quebrou os recordes de publicações anteriores”,⁹⁰ para perceber a dimensão de uma tradição sionista preocupada, antes de mais nada, com a busca de um “roteiro” bíblico para paz. Os teólogos protestantes liberais e simpatizantes do sionismo, como Paul Tillich e Reinhold Niebuhr, deixaram de lado sua solidariedade às *Escrituras* preocupados com justiça social e libertação, mas o sionismo cristão começa e termina com a *Bíblia* e, mais especificamente, com uma interpretação consistentemente literal da profecia bíblica. Como Elishua Davidson resume, “toda palavra bíblica profética é um esquema acerca do futuro de Israel, das nações e do mundo”.⁹¹ Membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), as Testemunhas de Jeová e especialmente os cristadelfianos (seita fundada nos EUA, em 1848) são frequentemente incluídos nas pesquisas históricas do restauracionismo e do sionismo cristão, mas isso serve apenas para turvar as águas. Devido à sua heterodoxia, esses movimentos devem ser tratados separadamente e sua teologia deve ser diferenciada daquela que é fundamentalmente protestante e evangélica.

Classificando os Sionistas Cristãos

É difícil apontar precisamente quando o rótulo do “sionismo cristão” foi usado pela primeira vez. Na anotação de seu diário de 5 de setembro de 1896, Theodor Herzl menciona “o sionista cristão Baron Manteuffel”, descrito depois como “um cristão entusiasta de Sião”. Dois clérigos ingleses,

⁸⁹ David Brog, *Standing with Israel: Why Christians Support the Jewish State* (Lake Mary, FL: FrontLine, 2006), 229, 9.

⁹⁰ Mark Hitchcock and Thomas Ice, *The Truth Behind Left Behind: A Biblical View of the End Times* (Sisters, OR: Multnomah Publishers, Inc., 2004), 13.

⁹¹ Elishua Davidson, *Islam, Israel, and the Last Days* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1991), 120.

“Sr. Biddulph” e “Sr. Bramley Moore”, são mencionados no diário como “sionista”⁹² e “ardente sionista”,⁹³ respectivamente. Também em seu discurso de encerramento no Primeiro Congresso Sionista, em 1897, Herzl designou um dos participantes cristãos do congresso, Jean Henri Dunant, como um “sionista cristão”.⁹⁴

Historiadores, frequentemente, criam um festival de rótulos na tentativa de classificar gentios que apoiam a restauração dos judeus. Entre os mais usados estão “judeófilo”, “filossemita”, “protossionista”, “sionista gentio”, “sionista milenista”, “sionista humanitário”, “sionista protestante”, “britânico sionista” e “restauracionista”. Invariavelmente, eles incluem na mesma categoria nomes como Brightman, Cromwell, Simeon, Shaftesbury, Disraeli, Eliot e Balfour, criando genealogias artificiais e equivocadas. Como a *Encyclopaedia of Zionism and Israel* tem declarado acertadamente, sionismo cristão “é um fenômeno puramente cristão” cujos alvos têm “permanecido teológicos”.⁹⁵ Longe de ser uma contradição de termos,⁹⁶ é o rótulo mais apropriado para diferenciar o interesse fundamentalmente bíblico, evangélico e escatológico na restauração de Israel de outras expressões pró-Israel.

A Igreja e Israel

Sionistas cristãos fazem clara distinção entre Israel e Igreja, insistindo que a Igreja não é o “novo” nem o “verdadeiro” Israel, e nem mesmo o “Israel espiritual”. Segundo Lewis Sperry Chafer, fundador do Seminário Teológico de Dallas, “Israel nunca foi a Igreja, não é a Igreja hoje, nem nunca será”.⁹⁷ De acordo com Ramon Bennett, “Quando falamos do Deus de Israel, falamos da nação física de Israel — o povo judeu, não a Igreja. Israel não é sinônimo da Igreja”.⁹⁸ Rob Richards, ex-diretor britânico do Church’s Ministry among Jewish People (CMJ) é ainda mais sucinto: “Israel é Israel que é Israel.”⁹⁹

Os sionistas cristãos creem que Deus está trabalhando em propósitos singulares e separados, embora inter-relacionados, tanto com Israel como com a igreja. Essa distinção está enraizada na Aliança Abraâmica, descrita como “a base de todo programa da aliança”,¹⁰⁰ “a fonte da profecia bíblica”¹⁰¹ e “absolutamente fundamental em toda estrutura da verdade profética”.¹⁰² Assim, embora a igreja faça parte da “semente de Abraão” (Gê 3.29), ela não satisfaz “as disposições

⁹² *The Complete Diaries: Vol. II*, Patai, 461, 535, 711.

⁹³ *The Complete Diaries: Vol. III*, Patai, 1159.

⁹⁴ *Encyclopaedia Judaica: Vol. VI*, 270. Dunant fundou o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, inspirado nas Convenções de Genebra, e recebeu o primeiro Prêmio Nobel da Paz.

⁹⁵ *Encyclopaedia of Zionism and Israel: Vol. II*, Patai, 948.

⁹⁶ N. T. Wright, “Jerusalem in the New Testament,” in Walker, Jerusalem, 74.

⁹⁷ 97 Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology, Volume IV: Ecclesiology — Eschatology* (Dallas, TX: Dallas Seminary Press, 1948), 311.

⁹⁸ Ramon Bennett, *Saga: Israel and the Demise of Nations* (Jerusalem: Arm of Salvation, 1993), 23. Segundo Peter Richardson, a transferência do nome “Israel” para a Igreja encontra seu “ponto inicial” no *Diálogo com Trifão, um judeu*, obra do segundo século, escrita por Justino Mártir. Em lugar nenhum “desde o fechamento do cânon do NT até Justino Mártir” menciona-se a igreja como sendo Israel. (Peter Richardson, [Cambridge: Cambridge University Press, 1969], ix, 16.)

⁹⁹ Rob Richards, *Has God finished with Israel?* (St Albans: Olive Press, 1994), 21.

¹⁰⁰ J. Dwight Pentecost, *Things to Come: A Study in Biblical Eschatology* (Findlay, OH: Dunham Publishing Company, 1958), 70.

¹⁰¹ Thomas Ice, “Why Futurism?” in *The End Times Controversy: The Second Coming Under Attack*, Tim LaHaye and Thomas Ice, eds. (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2003), 401.

¹⁰² Arthur Skevington Wood, *Prophecy in the Space Age: Studies in Prophetic Themes* (London: Marshall, Morgan & Scott, 1964), 38.

ainda não cumpridas dessa aliança”,¹⁰³ disposições estas ligadas à nação de Israel, e sobre as quais os profetas tanto falaram. Por isso, a declaração de Paulo de que “todo o Israel será salvo” (Rm 11.26), descrita por Skevington Wood como “uma *crux exegetica* na interpretação profética”,¹⁰⁴ fala não apenas da salvação individual dos judeus antes da Segunda Vinda de Cristo, mas também da futura salvação nacional de Israel quando Cristo retornar para reinar em Jerusalém. Israel, portanto, existe como uma nação à parte da Igreja, “com todas as promessas e planos de Deus para seu remanescente ainda em pleno vigor”.¹⁰⁵ Os sionistas cristãos fazem outra importante observação ao insistir que a salvação tanto da nação como do indivíduo é mediada pela Nova Aliança em Cristo. Como Steve Maltz escreve: “Não há atalho para o Paraíso para o povo escolhido,” já que “os judeus não são salvos pelo judaísmo, mas por meio de Jesus, como qualquer outra pessoa”.¹⁰⁶

Famoso oponente do sionismo cristão, Charles Provan argumenta que “o Israel do *Antigo Testamento*” foi substituído pela Igreja, a quem todos os privilégios e promessas foram “transferidos”.¹⁰⁷ Ele reúne muitos textos bíblicos para tentar provar que as bênçãos prometidas a Israel são agora “aplicadas em massa” à Igreja e que os crentes judeus e gentios “são agora membros da verdadeira nação de Israel”. Sião é considerada agora “destituída de todas as conotações geográficas, e refere-se à Igreja”.¹⁰⁸ W. J. Grier encontra apoio para essa visão de substituição nos títulos de passagens bíblicas inseridos pela *Bíblia King James* quando escreve: “Israel e Judá são evidentemente o Israel de Deus, a Igreja do *Novo Testamento*. Assim, os títulos da *Versão Autorizada*, os quais falam das profecias do *Velho Testamento* como se referindo à Igreja do *Novo Testamento*, evidentemente têm o apoio do *Novo Testamento*.”¹⁰⁹ Essa deturpação¹¹⁰ da *Palavra de Deus* por meio de “títulos criados pelo homem”¹¹¹ e da doutrina supersessionista que os sustenta tem sido apontada como “uma armadilha teológica”¹¹² na qual muitos, como Provan, caíram. Isso deslegitima teologicamente o povo e o Estado judeu e ajuda a promover o antissemitismo dentro da igreja.¹¹³

A igreja tem, constantemente, espiritualizado as bênçãos de Israel ao mesmo tempo que interpreta seus juízos literalmente. Basileia Schlink considera essa concepção “falsa e

¹⁰³ Charles Caldwell Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1966), 156.

¹⁰⁴ Skevington Wood, *Prophecy in the Space Age*, 51.

¹⁰⁵ Dave Hunt, *Global Peace and the Rise of Antichrist* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1990), 28.

¹⁰⁶ Steve Maltz, *The People of Many Names: Towards a Clearer Understanding of the Miracle of the Jewish People* (Milton Keynes: Authentic Media, 2005), 50, 168.

¹⁰⁷ Charles D. Provan, *The Church Is Israel Now* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1987), preface; cf. Gary North, *Rapture Fever: Why Dispensationalism Is Paralyzed* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1993), xii-xv; Greg L. Bahnsen and Kenneth L. Gentry, Jr, *House Divided: The Break-Up of Dispensational Theology* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989), 164-74.

¹⁰⁸ Provan, *The Church Is Israel Now*, 1, 39, 56.

¹⁰⁹ W. J. Grier, *The Momentous Event: A Discussion of Scripture Teaching on the Second Advent* (London: Banner of Truth, 1970), 47. Esses títulos incluem os que encabeçam Isaías 30, 34, 43-45, 50, 54 e 64.

¹¹⁰ John R. Rice, *The Coming Kingdom of Christ* (Murfreesboro, TN: Sword of the Lord Publishers, 1979), 95.

¹¹¹ Sydney Watson, *The New Europe: A Story of Today and Tomorrow* (London: William Nicholson & Sons Limited, 1915), 190.

¹¹² Tom Doyle, *Two Nations Under God: Why Should America Care about Israel and the Middle East?* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2004), 52.

¹¹³ Marvin R. Wilson, *Our Father Abraham: Jewish Roots of the Christian Faith* (Grand Rapids, MI: Centre for Judaic-Christian Studies, 1989), 264.

impossível”.¹¹⁴ Parafraseando Michael Brown, nada poderia convencer os judeus no exílio se a promessa divina de restauração fosse figurada, assim como nada poderia convencê-los se seu cativeiro fosse entendido figuradamente. Consistência em interpretação exige que a “literalidade da restauração prometida seja tão real como a literalidade da ameaça de juízo”.¹¹⁵ Como o próprio Senhor declarou: “Assim como fiz vir sobre este povo todo este grande mal, assim lhes trarei todo o bem que lhes estou prometendo” (Jr 32.42).

A Terra de Israel

Apesar de séculos de diáspora, o povo judeu tem mantido uma “fé centrada na Terra Santa”.¹¹⁶ Seus corações anseiam pelo retorno prometido a Sião. Sionistas cristãos insistem que a Terra de Israel, o povo judeu e a cidade de Jerusalém estão “intimamente ligados num relacionamento de aliança”.¹¹⁷ Como Moishe Rosen assinala: “Deus prometeu a Abraão mais do que uma nação de descendentes. Ele prometeu uma terra”.¹¹⁸ Esse inter-relacionamento entre o povo e a terra é considerado “a chave que abre muitos segredos proféticos”.¹¹⁹ Joham Kurtz, em seu livro *History of the Old Covenant* (1859), expressou esse fato da seguinte forma: “Assim como o corpo está adaptado e preparado para a alma e a alma para o corpo, da mesma forma Israel foi formado para aquele território e aquele território para Israel”.¹²⁰

Embora muitos judeus já tenham retornado à Terra e o Estado de Israel tenha sido restabelecido, os sionistas cristãos insistem que o atual território de Israel não passa de uma pequena fração do que foi prometido a Abraão (Gn 15.18) e confirmado a Moisés e Josué (Nm 34.3-12; Js 1.4). Como Carment Urquhart escreveu em 1945: “A Palestina nunca pertencerá, por qualquer direito de posse, a nenhum povo que não seja o judeu... Quando os judeus se arrependerem e aceitarem o Senhor Jesus, eles receberão não somente a Palestina, mas também todo o restante da grande Terra da Promessa e serão uma bênção para toda a terra.”¹²¹ Portanto, a Terra é tão central para sua teologia que os cristãos sionistas a descrevem como “a mais importante propriedade imobiliária do mundo”,¹²² “o centro geográfico de Deus”,¹²³ “o palco geográfico no qual a história da Bíblia se realiza”, “o ponto central do universo — para a manifestação dos propósitos de Deus”,¹²⁴ “o centro do trato divino com as nações”,¹²⁵ “o umbigo espiritual do

¹¹⁴ M. Basilea Schlink, *Israel, My Chosen People: A German Confession before God and the Jews* (London: The Faith Press, 1963), 66-67.

¹¹⁵ Michael L. Brown, *Israel's Divine Healer* (Carlisle: Paternoster Press, 1995), 184.

¹¹⁶ David Dolan, *Israel in Crisis: What Lies Ahead?* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 2002), 16.

¹¹⁷ Hugh Kitson, *Jerusalem, the Covenant City* (Steining: Hatikvah Ltd., 2000), 27.

¹¹⁸ Moishe Rosen, *Overture to Armageddon? Beyond the Gulf War* (San Bernardino, CA: Here's Life Publishers, Inc., 1991), 106.

¹¹⁹ C. I. Scofield, *Prophecy Made Plain: Addresses on Prophecy* (London: Pickering & Inglis, n.d.), 69.

¹²⁰ Quoted in Smith, *Israeli-Arab Conflict*, 54.

¹²¹ Carment Urquhart, “The World-wide Jewish Problem,” in John Urquhart, *Wonders of Prophecy: The Testimony of Fulfilled Prediction to the Inspiration of the Bible* (London: Pickering & Inglis Ltd., 1945), 195.

¹²² Mark Hitchcock, *Is the Antichrist Alive Today?* (Sisters, OR: Multnomah Publishers, Inc., 2002), 46.

¹²³ John Wilkinson, *God's Plan for the Jew* (London: The Messianic Testimony, 1978), 89.

¹²⁴ Ronald B. Allen, “The Land of Israel,” in *Israel, the Land and the People: An Evangelical Affirmation of God's Promises*, ed. H. Wayne House (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1998), 18, 28.

¹²⁵ C. F. Hogg and W. E. Vine, *Touching the Coming of the Lord* (London: Oliphants Ltd., 1919), 111.

mundo”,¹²⁶ “o epicentro da história humana”,¹²⁷ e “o marco zero do fim dos tempos”.¹²⁸ De forma semelhante, Jerusalém tem sido descrita como “uma entidade miraculosa”,¹²⁹ a única cidade na Terra “que não está aberta para negociação com ninguém em nenhum momento ou por qualquer razão”¹³⁰ e “marco zero para as futuras atividades do Anticristo” e para a “redenção graciosa de Deus”.¹³¹

Em seu discurso no *knesset* (parlamento) israelense, em 5 de dezembro de 1949, o primeiro-ministro David Ben Gurion declarou que a “Jerusalém judaica é parte orgânica e inseparável da história e da religião de Israel, bem como da alma do nosso povo”.¹³² Os sionistas cristãos concordam com isso, embora afirmem que a importância de Jerusalém consiste, em última instância, no fato de ser “a cidade onde o Filho de Deus morreu pelos pecados do mundo”.¹³³ Segue-se escatologicamente que a Segunda Vinda de Cristo não pode ser separada do lugar para o qual ele um dia retornará, nem divorciada do povo para o qual voltará. Como Sydney Watson escreve: “A questão judaica está infinitamente mais envolvida com o iminente retorno de nosso Senhor do que muitos preletores e escritores destacam”.¹³⁴

Os sionistas cristãos citam a Aliança Abraâmica como a base para direito de Israel possuir a Terra, afirmando que as promessas de Deus a Abraão foram “bastante específicas e inequívocas”,¹³⁵ tendo sido seladas por uma aliança eterna e incondicional (*Gn* 12.1-7; 15.18-21; 17.6-8; 26.3; 28.13-15; *Hb* 6.13-17).¹³⁶ Murray Dixon lembra que “Deus foi o único signatário”¹³⁷ dessa aliança, pois somente ele passou no meio dos pedaços dos animais (*Gn* 15.12-21). A inferência extraída desse costume do Antigo Oriente Próximo é que, ao fazer isso, Deus invocou uma maldição sobre si mesmo, caso quebrasse a promessa. Tatford acrescenta: “Nenhuma provisão foi feita para sua revogação, e não estava sujeita à emenda ou anulação”.¹³⁸ Sionistas cristãos insistem que essa aliança incondicional, ao contrário do “contrato condicional”¹³⁹ do Sinai, não foi revogada ou substituída pela Nova Aliança. Se, de um lado, a ocupação da terra estava condicionada à obediência à *Lei de Moisés*, de outro, a propriedade dessa mesma terra foi eternamente garantida com base no juramento unilateral de Deus. Portanto, apesar de períodos prolongados de exílio, o relacionamento entre o povo judeu e a terra foi somente

¹²⁶ Ramon Bennett, *The Wall: Prophecy, Politics and Middle East “Peace”* (Citrus Heights, CA: Shekinah Books, Ltd., 2000), 268.

¹²⁷ Joel C. Rosenberg, *Epicenter: Why the Current Rumbles in the Middle East Will Change Your Future* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 2006), 265.

¹²⁸ Hitchcock and Ice, *The Truth Behind Left Behind*, 155.

¹²⁹ Randall Price, *Unholy War: America, Israel and Radical Islam* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2001), 83.

¹³⁰ John Hagee, *Jerusalem Countdown: A Warning to the World* (Lake Mary, FL: FrontLine, 2006), 48.

¹³¹ Charles H. Dyer, “Jerusalem: The Eye of the Storm,” in *Storm Clouds on the Horizon*, ed. Charles H. Dyer (Chicago, IL: Moody Press, 2001), 77-78.

¹³² Jerusalem Post, *Front Page Israel: Major Events 1932-1979 as Reflected in the Front Pages of The Jerusalem Post* (Jerusalem: The Palestine Post Ltd., 1978), 132.

¹³³ Charles H. Dyer, *The Rise of Babylon: Sign of the End Times* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1991), 58.

¹³⁴ Sydney Watson, *In the Twinkling of an Eye* (London: W. Nicholson and Sons, n.d.), vii.

¹³⁵ Frederick A. Tatford, *Five Minutes to Midnight* (London: Victory Press, 1970), 76.

¹³⁶ John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1969), 149-52.

¹³⁷ Frederick A. Tatford, *Five Minutes to Midnight* (London: Victory Press, 1970), 76.

¹³⁸ Frederick A. Tatford, *The Middle East Problem: Israel in History and Prophecy* (Scarborough, ON: Everyday Publications Inc., 1983), 9.

¹³⁹ Charles Lee Feinberg, “The Rebuilding of the Temple,” in *Prophecy in the Making: Messages Prepared for Jerusalem Conference on Biblical Prophecy*, ed. Carl F. H. Henry (Carol Stream, IL: Creation House, 1971), 103.

“interrompido” e não “rompido”,¹⁴⁰ sendo certo que o retorno do exílio foi totalmente dependente da fidelidade de Deus à sua aliança com Abraão. Como o salmista declarou, Deus “lembra-se perpetuamente da sua aliança, da palavra que empenhou para mil gerações; da aliança que fez com Abraão e do juramento que fez a Isaque” (*Sl* 105.8-9 *cf.* *Lc* 1.54-55, 68-73). Paulo confirma isso em sua carta aos Gálatas quando escreve:

... a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa. Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão (*Gl* 3.17-18).

Embora os sionistas cristãos atribuam aos que negam a futura restauração de Israel o papel de “irmão mais velho da parábola”¹⁴¹ (*Lc* 15.11-32), eles insistem que não é com base meritória que Deus restaurará Israel, mas sim “porque ele é um soberano que guarda a aliança por amor à sua própria reputação”.¹⁴² Nas palavras de David Hunt: “A integridade de Deus está vinculada a Israel”.¹⁴³ Esse vínculo inseparável entre a honra do nome de Deus e a restauração dos judeus à terra é destacado na seguinte profecia bíblica:

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o Senhor, diz o Senhor Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas (*Ez* 36.22-23).

Se, como os supersessionistas creem, a Aliança Abraâmica era condicional, então, segundo George Peters, “tudo mais é condicional. Sendo assim, os fundamentos da esperança cristã desintegram-se sob nossos pés, e nada permanece estável”.¹⁴⁴ Em outras palavras, se Israel foi rejeitado por Deus e substituído pela Igreja por causa de suas falhas, “não se pode, de modo semelhante, argumentar que a Igreja tem também falhado miseravelmente?”¹⁴⁵

Podem Viver Esses Ossos?

Em sua série de palestras sobre profecia bíblica, Cyrus Scofield rejeitou as alegações de que a restauração prometida à Israel no *AT* cumpriu-se quando 42.360 judeus exilados voltaram da Babilônia (*Ed* 2.64). Segundo o profeta Jeremias, os israelitas receberam a promessa de retornar desde a “terra do Norte e de todas as terras onde Deus os enviara” (*Jr* 16.14-15; 23.7-8), um êxodo que ofuscaria a fuga do Egito. Scofield questionou como o retorno de tão poucos exilados vindos da Babilônia poderia “apagar o brilho esplendoroso dos eventos maravilhosos do Êxodo”!¹⁴⁶ Desde o estabelecimento do Estado de Israel, em 1948, tem havido um aumento

¹⁴⁰ Wilkinson, *God's Plan for the Jew*, 19.

¹⁴¹ Steve Maltz, *The Land of Many Names: Towards a Christian Understanding of the Middle East Conflict* (Milton Keynes: Authentic Lifestyle, 2003), p. 23.

¹⁴² Dolan, *Israel in Crisis*, 19.

¹⁴³ Dave Hunt, *Judgment Day! Islam, Israel and the Nations*, 2nd ed. (Bend, OR: The Berean Call, 2006), 261.

¹⁴⁴ George N. H. Peters, *The Theocratic Kingdom of our Lord Jesus, the Christ, as Covenanted in the Old Testament and Presented in the New Testament: Vol. II* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1978), 48.

¹⁴⁵ Charles L. Feinberg, *Israel at the Centre of History and Revelation*, 3rd ed. (Portland, OR: Multnomah Press, 1980), 105.

¹⁴⁶ Scofield, *Prophecy Made Plain*, 82.

dramático da imigração judaica procedente de todo o mundo.¹⁴⁷ Sionistas cristãos geralmente creem que o colapso da antiga União Soviética, em 1991, foi uma forma de juízo de Deus contra o regime comunista que se recusava a permitir a saída dos judeus daquele país. Nos anos que se seguiram ao colapso, 750 mil judeus russos emigraram para Israel em conformidade com a profecia do “segundo êxodo” de Jeremias.¹⁴⁸ A Rússia é tipicamente identificada pelos sionistas cristãos como “a terra do Norte” (*Jr* 16.15; 23.8; cf. *Is* 43.6), tendo um importante papel nas profecias do fim dos tempos de *Ezequiel* 38—39.¹⁴⁹

Considerada “a carta magna do sionismo e da história dos Judeus”,¹⁵⁰ a visão dos ossos secos do profeta Ezequiel (*Ez* 37) tem sido interpretada pelos sionistas cristãos como a prefiguração do restabelecimento literal da “aparentemente morta nação”¹⁵¹ de Israel, o que ocorre em duas etapas distintas. Em primeiro lugar, os judeus são restaurados à terra na incredulidade (o que é representado pela junção dos ossos secos) e, depois, são espiritualmente restaurados por meio do sopro, ou do Espírito, de Deus, o que significa sua aceitação do Messias. Como Charles Spurgeon declarou num sermão proferido no Tabernáculo Metropolitano, em 1864:

O significado do nosso texto (*Ez* 37.1-10), segundo seu contexto, é, evidentemente, se as palavras realmente significam algo, *que primeiro haverá uma restauração política dos judeus em sua própria terra e nacionalidade*. Em segundo lugar, há no texto e no contexto a nítida declaração *de que haverá uma restauração espiritual — de fato, uma conversão das tribos de Israel...* Haverá novamente um governo daquele povo; haverá novamente um corpo político; um estado será inaugurado e um rei vai reinar... Eu espero nunca aprender a arte de destruir o significado que Deus confere às suas próprias palavras... Vamos deixar isso bem claro... se há sentido nessas palavras, Israel ainda há de ser restaurado.¹⁵²

Os sionistas cristãos indicam as seguintes estatísticas como evidências de que as etapas da visão de Ezequiel têm sido progressivamente cumpridas. Em maio de 1839, William Tanner Young, primeiro cônsul britânico em Jerusalém, relatou ao Foreign Secretary Palmerston que havia cerca de “9.690 almas [judeus]”¹⁵³ na terra. Esse número atingiu 66 mil por volta do fim da Primeira Guerra Mundial¹⁵⁴ e, de acordo com o *The Jewish Year Book*, de 2006, existem agora

¹⁴⁷ Os transportes aéreos dos judeus do Iemen (“Operation Magic Carpet,” 1949), do Iraque, do Irã (“Operation Babylon,” 1950-1952) e da Etiópia (“Operation Moses” e “Operation Queen of Sheba,” 1984-1985; “Operation Solomon,” 1991) têm sido descritos como “exemplos notáveis dessa imigração”. (Lilli Myss, *A Call to the Nations: Warning Signals for the Coming Russian Exodus* [Chichester: New Wine Press, 1999],)

¹⁴⁸ Myss, *A Call to the Nations*, 19.

¹⁴⁹ See John F. Walvoord and Mark Hitchcock, *Armageddon, Oil, and Terror: What the Bible Says about the Future* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 2007), 87-114; Rosenberg, *Epicenter*, 81-157.

¹⁵⁰ Claude Duvernoy, *Controversy of Zion: A Biblical View of the History and Meaning of Zion* (Green Forest, AR: New Leaf Press, 1987), 61.

¹⁵¹ Tim LaHaye, “Twelve Reasons Why This Could Be the Terminal Generation,” in *The Return: Understanding Christ’s Second Coming and the End Times*, Thomas Ice and Timothy J. Demy, eds. (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1999), 188.

¹⁵² Charles Haddon Spurgeon, *The Restoration and Conversion of the Jews: A Sermon Preached on Thursday Evening, June 16th, 1864...* at the Metropolitan Tabernacle, Newington, in *Aid of the Funds of the British Society for the Propagation of the Gospel amongst the Jews* (Pasadena, TX: Pilgrim Publications, n.d.), 428-29; cf. Charles Haddon Spurgeon, *12 Sermons on the Second Coming of Christ* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1993), 137-38.

¹⁵³ “Wm. T. Young to Viscount Palmerston, F.O.78/368 (No.13), 25 May 1839,” in *The British Consulate in Jerusalem in Relation to the Jews of Palestine 1838-1914*, Part I: 1838-1861, ed. Albert M. Hyamson (London: Edward Goldston Ltd., 1939), 5.

¹⁵⁴ Doreen Ingrams, *Palestine Papers 1917-1922: Seeds of Conflict* (London: John Murray, 1972), 44.

5,24 milhões de judeus vivendo em Israel.¹⁵⁵ Sionistas cristãos também chamam a atenção para a forma como a própria terra despertou o interesse dos judeus desde que iniciaram seu retorno, provando que existe “uma conexão especial entre a fecundidade da terra de Israel e o povo judeu”.¹⁵⁶ Por exemplo, em 1936, a *The Geographical Magazine* relatou que mais de 5 milhões de caixas de laranja de Jaffa passaram a ser exportadas de Israel, uma quantia que, conforme haviam previsto, aumentaria de modo significativo nos anos seguintes.¹⁵⁷ Esses relatos têm sido aclamados como evidências de “um milagre ecológico inigualável no século 20”, ocorrido quando o retorno dos exilados “transformou a terra que havia permanecido desolada”¹⁵⁸ durante quase dois milênios “numa paisagem encantadora”.¹⁵⁹ Os montes têm novamente produzido “ramos e fruto para o povo [de Deus] de Israel” (*Ez* 36.8), no deserto têm crescido “o cedro e a acácia, a murta e a oliveira” (*Is* 41.19) e Israel tem literalmente “enchido de fruto o mundo” (*Is* 27.6). O ambientalista de solo norte-americano, Walter Clay Lowdermilk, descreveu o “trabalho hercúleo” daqueles que estão restaurando “a antiga fertilidade do solo há tanto tempo negligenciado” como “a coisa mais notável” que ele já vira “enquanto estudava o uso do solo em 24 países”.¹⁶⁰

Revitalizando a Língua Hebraica

Inspirado em sua juventude pela tradução hebraica do livro *Robinson Crusoe*, Eliezer Perlman cria que o sonho sionista somente poderia ser bem sucedido se os judeus tivessem “uma língua hebraica” para, por meio dela, “lidar com os assuntos da vida”.¹⁶¹ Descrito por Sachar como um “pequeno filólogo judeu russo de peito largo”,¹⁶² Perlman tornou-se apaixonado pela língua hebraica, cuja revitalização foi essencial para a restauração de Israel. Adotando mais tarde o sobrenome Ben Yehuda, ele escreveu um artigo em 1879 para o jornal vienense *HaShahar* (O Alvorada) no qual argumentou a favor do nacionalismo judaico:

Se, verdadeiramente, toda e qualquer nação tem o direito de defender sua nacionalidade para proteger-se da extinção, então, logicamente, nós, os hebreus, também temos esse direito... Se realmente desejamos que o nome de Israel não desapareça, temos que criar um centro para o nosso povo, semelhante a um coração por onde o sangue corre em todas as artérias, animando o corpo. Somente o estabelecimento de *Eretz Israel* pode servir a esse propósito.¹⁶³

Depois de fazer o *aliyah* com sua esposa em 1881, Ben Yehuda iniciou o trabalho de estabelecimento do hebraico como língua comum dos colonizadores judeus, elaborando um dos mais abrangentes dicionários já produzidos. Sem precedentes na história das nações, uma língua há muito esquecida foi revitalizada e, por volta de 1916, 40% da população judaica em *Eretz Yisrael* tinha o hebraico como primeira língua. Tão “formidável”¹⁶⁴ foi essa realização de Ben Yehuda que três dias de luto oficial foram observados por ocasião da sua morte. Os sionistas cristãos consideram a revitalização da língua hebraica parte do processo da restauração de

¹⁵⁵ The Jewish Year Book 2006, ed. Stephen W. Massil (London: Vallentine Mitchell, 2006), 149.

¹⁵⁶ Rebecca J. Brimmer, “*Israel-Miracle Nation*,” in Rebecca J. Brimmer and *Bridges for Peace Leaders, Israel and the Church: God’s Road Map* (Jerusalem: Bridges for Peace International, 2006), 134.

¹⁵⁷ Langley, “*‘Back to the Land’ in Palestine*,” 202.

¹⁵⁸ Kitson, *Jerusalem*, 99; cf. Noah W. Hutchings, 25 *Messianic Signs in Israel*.

¹⁵⁹ Maurice Edelman, *Ben Gurion: A Political Biography* (London: Hodder and Stoughton, 1964), 83.

¹⁶⁰ Lowdermilk, *Palestine*, 14-19.

¹⁶¹ Robert St. John, *Tongue of the Prophets: The Life Story of Eliezer Ben Yehuda* (Gordon City, NY: Dolphin Books, 1952), 23-26, 38.

¹⁶² Sachar, *A History of Israel*, 82.

¹⁶³ Quoted in St. John, *Tongue of the Prophets*, 42-43.

¹⁶⁴ Sachar, *A History of Israel*, 84.

Israel, “indubitavelmente”¹⁶⁵ o cumprimento da profecia de Sofonias: “Então, darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR e o sirvam de comum acordo” (Sf 3.9).

A Carta Magna do Sionismo Cristão

Pouco antes da sua ascensão, Jesus passou quarenta dias ensinando seus discípulos a respeito do Reino de Deus (At 1.3). No fim daquele período, eles lhe perguntaram: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (At 1.6). Ao que ele respondeu: “Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (At 1.7). Sionistas cristãos creem que a resposta de Jesus “ratificou aos apóstolos a antiga promessa dada a Israel”,¹⁶⁶ a saber, que o Messias um dia “reinará no trono de Davi e sobre seu reino” (Is 9.7; cf. Lc 1.31-33). De fato, Deus havia enfaticamente declarado:

Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): a sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o Sol perante mim. (Sl 89.34-36)

A prioridade imediata dos discípulos, porém, seria proclamar o evangelho até os confins da terra. O texto de Atos 1.6-8 é tão central para o sionismo cristão que é descrito como a “carta magna” do sionismo no *Novo Testamento*.¹⁶⁷

Os sionistas cristãos também chamam a atenção para a declaração feita por Pedro no Pórtico de Salomão, quando afirmou que Jesus não retornaria “até aos tempos da restauração de todas as coisas, que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade” (At 3.21). A palavra grega traduzida como “restauração” é *apokatástasis*, que ocorre somente uma vez no *Novo Testamento*. Significa colocar em ordem novamente ou restaurar à forma original. Era um termo usado nos dias de Pedro para se referir à transferência de propriedades aos seus legítimos donos. Uma vez que os profetas falaram tão extensamente sobre a restauração de Israel, os sionistas cristãos creem que Pedro tinha isso em mente. George Peters indaga se Deus teria menosprezado “a mais querida e sincera esperança de uma nação” usando uma “linguagem preeminentemente calculada somente para animá-la”; e a resposta à sua própria pergunta é um enfático “não!” A palavra de Deus é a verdade, e o sentido gramatical — o sentido que todos os homens concordam ser o mais legítimo numa língua — contém a pura verdade que Deus cumprirá no tempo determinado”.¹⁶⁸

O Relógio Profético da História Mundial

Em uma de suas *Palestras sobre Profecias*, Cyrus Scofield afirmou que a figueira citada por Jesus na Parábola (Mt 24.32-33) “é em todos os lugares, e sempre, um símbolo de Israel”. Ele cria que Cristo estava orientando a igreja “a observar a figueira, não a abundância das folhas, mas os primeiros brotos, as primeiras indicações da vida renovada em Israel, religiosa e nacionalmente”.¹⁶⁹ Com o restabelecimento do Estado de Israel em 14 de maio de 1948, a nação começou a brotar novamente. Esse evento memorável foi descrito como um “importante sinal

¹⁶⁵ Kitson, *Jerusalem*, 89.

¹⁶⁶ Adolph Saphir, *Christ and Israel: Lectures and Addresses on the Jews* (London: Morgan and Scott Ltd., 1911), 67

¹⁶⁷ Duvernoy, *The Prince and the Prophet*, 7.

¹⁶⁸ Peters, *The Theocratic Kingdom: Vol. II*, 73, 461-72.

¹⁶⁹ Scofield, *Prophecy Made Plain*, 126.

profético”¹⁷⁰ da volta de Cristo, “o sinal infalível da chegada dos últimos dias”,¹⁷¹ “o maior milagre de nossa época”,¹⁷² um “nó no pensamento amilenista”¹⁷³ um “abalo sísmico na teologia cristã tradicional”.¹⁷⁴ Israel foi visto como “nascido num só dia” (*Is* 66.7-8), um dia no qual, segundo John Walvoord, “os expositores de profecia bíblica não precisaram mais depender somente da palavra profética para manter sua esperança na restauração de Israel. Sob os olhos do mundo todo, algo aparentemente impossível havia acontecido”.¹⁷⁵ O restabelecimento do Estado judeu provou que a Aliança Abraâmica não fora revogada. Ao ser indagado por Frederico, o Grande sobre um sinal da existência de Deus, seu médico respondeu: “Sua Majestade, os judeus”. Como Gordon Wenham observa: “Duzentos anos mais tarde, após o Holocausto e o estabelecimento do Estado de Israel, leitores de *Gênesis 17* bem mais céticos do que Frederico são forçados a concordar com isso”.¹⁷⁶

Israel é descrito como “o relógio de Deus”,¹⁷⁷ “o barômetro de Deus”,¹⁷⁸ “o relógio profético de Deus”¹⁷⁹ “o pavio do barril de pólvora do último conflito mundial”,¹⁸⁰ “a pedra de toque divina da política mundial” e “a evidência de que Deus é o Deus da história”.¹⁸¹ Nas palavras de Leonard Sale-Harrison: “Observe os judeus, considere seus movimentos à luz da *Palavra de Deus*, e você estará focalizando o maior movimento mundial que ainda há de ocorrer”.¹⁸²

Os sionistas cristãos também dão bastante atenção à profecia das setenta semanas de Daniel (*Dn* 9.20-27), considerada a representação de setenta períodos de sete anos. De acordo com Mark Bailey: “Daniel se situa no pilar entre o Israel do passado e o Israel do futuro”.¹⁸³ Richard W. De Haan descreve o intervalo entre as semanas 69 e 70 como uma interrupção do trato de Deus com Israel, argumentando que “o tique-taque de Deus que marcou as 69 semanas da profecia de Daniel parou e vai começar novamente no dia do Arrebatamento da Igreja.”¹⁸⁴ Sionistas cristãos confirmam que a sexagésima-nona semana da profecia de Daniel chegou ao fim com a crucificação de Jesus e a destruição do Templo, e que a septuagésima semana se refere ao “negócio inacabado de Deus” com Israel”.¹⁸⁵ O atual período intermediário é descrito

¹⁷⁰ Hal Lindsey, *The Late Great Planet Earth* (Basingstoke: Marshall Pickering, 1988), 43.

¹⁷¹ Tim LaHaye and Jerry B. Jenkins, *Are We Living in the End Times?* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1999), 47.

¹⁷² Joseph H. Hunting, *The Set Time is Come* (Carnegie: The David Press, 1980), 17.

¹⁷³ Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events* (Tustin, CA: Ariel Press, 1984), 65.

¹⁷⁴ H. L. Ellison, *The Mystery of Israel* (Exeter: The Paternoster Press, 1966), 11.

¹⁷⁵ John F. Walvoord, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1962), preface.

¹⁷⁶ Gordon J. Wenham, *Word Biblical Commentary*, Genesis 16-50 (Dallas, TX: Word Books, 1994), 32.

¹⁷⁷ LaHaye and Jenkins, *Are We Living in the End Times?*, 62.

¹⁷⁸ Leonard Sale-Harrison, *The Remarkable Jew*, 11th ed. (London: Pickering & Inglis Ltd., 1939), 219.

¹⁷⁹ Derek Prince, *Promised Land: The Future of Israel Revealed in Prophecy* (Grand Rapids, MI: Chosen Books, 2005), 20.

¹⁸⁰ Hitchcock and Ice, *The Truth Behind Left Behind*, 73.

¹⁸¹ Lance Lambert, *Till the Day Dawns* (Eastbourne: Kingsway, 1982), 97.

¹⁸² Sale-Harrison, *The Remarkable Jew*, 119.

¹⁸³ Mark Bailey, “*The Tribulation*,” in Charles R. Swindoll, et al., *The Road to Armageddon* (Nashville, TN: Word Publishing, 1999), 51.

¹⁸⁴ Richard W. De Haan, *Israel and the Nations in Prophecy* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1968), 87.

¹⁸⁵ Hal Lindsey, *The Rapture: Truth or Consequences* (London: Bantam Books, 1985), 5.

como um “intervalo”,¹⁸⁶ uma “pausa”¹⁸⁷ ou “parênteses”¹⁸⁸ no plano de Deus para a nação judaica. Como Clarence Larkin explica, as profecias relacionadas com a restauração de Israel foram interrompidas no fim da sexagésima-nona semana por causa de sua conexão com os eventos que precedem a Segunda Vinda de Cristo. Ele ilustra esse ponto sugerindo que os profetas “viram o futuro como picos de uma cadeia de montanhas”¹⁸⁹ não estando cientes da existência de um vale entre elas. Em outras palavras, as profecias relacionadas à primeira vinda do Messias e à restauração de Israel se referem a dois eventos separados pelo vale “oculto” da igreja (cf. Ef 3.9). Mark Hitchcock sugere que, quando entendermos isso corretamente, esse período entre parênteses “encaixa-se como uma peça de quebra-cabeças, permitindo que muitos eventos do fim dos tempos façam sentido”.¹⁹⁰

A Chamada da Meia-Noite

O sionismo cristão, conforme definido neste livro, ensina que o próximo evento no calendário profético de Deus é o “imminente” ou “prestes a ocorrer a qualquer momento” Arrebatamento da Igreja (cf. Mt 24.39-41; Lc 17.30-37; 1Co 15.51-54; 1Ts 4.15-17; 2Ts 2.1). De acordo com Michael Rydelnik, “o Messias pode retornar à Igreja a qualquer tempo — até mesmo enquanto você lê esse parágrafo”.¹⁹¹ Hitchcock descreve o Arrebatamento como um “evento sem sinalização prévia”,¹⁹² indicando que nenhuma profecia precisa ser cumprida antes que o Arrebatamento aconteça. Embora o apelo consistente do Senhor Jesus e de seus apóstolos fosse para que a igreja permanecesse vigiando, esperando, preparando-se e ansiando por seu retorno, o apóstolo Pedro avisou que escarnecedores se levantariam “nos últimos dias” e zombando perguntariam: “Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação (2Pe 3.4). Tristemente, muitos líderes da Igreja hoje estão ridicularizando a chamada da meia-noite (Mt 25.6)¹⁹³ ouvida pelos sionistas cristãos, sem compreender que “já passam das 11 horas” e que “o tempo está se esgotando”.¹⁹⁴

Refutando a posição pós-tribulacionista, que, involuntariamente, defende uma forma de teologia da substituição ao aplicar os textos bíblicos relacionados à Grande Tribulação à Igreja, Reuben Torrey escreve: “É totalmente impossível que um homem inteligente focalize sua atenção num evento em que ele sabe que não vai ocorrer nos próximos anos”.¹⁹⁵ De acordo com a correta

¹⁸⁶ W. Graham Scroggie, *The Unfolding Drama of Redemption: An Inductive Study of Salvation in the Old and New Testaments: Vol. I* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1994), 426.

¹⁸⁷ Arno Froese, *The Great Mystery of the Rapture* (West Columbia, SC: The Olive Press, 1999), 295.

¹⁸⁸ C. I. Scofield, *The Scofield Bible Correspondence School Course of Study, Vol. I: The Old Testament*, 7th ed. (London: Morgan and Scott, n.d.), 160.

¹⁸⁹ Clarence Larkin, *The Greatest Book on “Dispensational Truth” in the World: Dispensational Truth or God’s Plan and Purpose in the Ages*, Revised ed. (Glenside, PA: Rev. Clarence Larkin Est., 1920), 7.

¹⁹⁰ Mark Hitchcock, *Could the Rapture Happen Today?* (Sisters, OR: Multnomah Publishers, 2005), 107.

¹⁹¹ Michael Rydelnik, “Israel: The Linchpin in God’s Program for the Future,” in Dyer, Storm Clouds, 26.

¹⁹² Mark Hitchcock, *Iran: The Coming Crisis* (Sisters, OR: Multnomah Publishers, 2006), 11; cf. Louis A. Barbieri, “The Church: Watching for our Blessed Hope,” in Dyer, Storm Clouds, 45.

¹⁹³ Joseph A. Seiss, *The Last Times and the Great Consummation: An Earnest Discussion of Momentous Themes*, Revised ed. (Philadelphia, PA: Smith, English & Co., 1863), 33, 135, 265.

¹⁹⁴ Sam Gordon, *Hope and Glory: Jesus is Coming Again, The Timeless Message of 1 & 2 Thessalonians* (Greenville, SC: Ambassador International, 2005), 165.

¹⁹⁵ R. A. Torrey, *The Lord’s Return* (Belfast: Ambassador, 1997), 111.

leitura feita pelo sionismo cristão de *1 Tessalonicenses 4.17*, os “verdadeiros cristãos”¹⁹⁶ serão “capturados” (gr. *harpazo*) pelo Senhor Jesus *antes* do início da septuagésima semana de Daniel. A palavra grega *harpazo* tem diversos significados, cada um representando um diferente aspecto do Arrebatamento. Como Kenneth Wuest aponta, arrebatamento significa “levar com força”, “resgatar do perigo de destruição”, transportar com poder divino, “de maneira maravilhosa e rápida, uma pessoa de um lugar para outro”, “reivindicar alguém para si” e “agarrar alguém e fugir”.¹⁹⁷ Os sionistas cristãos creem que esse evento é representado tanto no *Antigo Testamento* como no *Novo* pelo “arrebatamento” de Enoque (*Gn 5.24; Hb 11.5*), de Elias (*2Rs 2.1,11*), de Filipe (*At 8.39*) e de Paulo (*2Co 12.2-4*),¹⁹⁸ indicando que o Arrebatamento pode acontecer “inesperadamente e sem aviso”.¹⁹⁹ Ao se referir ao Arrebatamento, os sionistas cristãos fazem distinção entre os cristãos verdadeiros e os falsos que há na Igreja, insistindo que “cristandade não é cristianismo”.²⁰⁰ Veja-se a explicação de Wuest:

O cristão nominal, a pessoa simplesmente identificada com a igreja visível por membresia, sem a fé viva no Senhor Jesus como Salvador, será deixada na Terra para passar pelo período terrível da Grande Tribulação.²⁰¹

Muitos cristãos sionistas creem que logo que o Arrebatamento ocorrer, “toda a cristandade se unirá sob a autoridade de Roma”²⁰² e “aceitará o Anticristo”,²⁰³ pois será enganada por seus falsos sinais e maravilhas (*1Ts 2.9*).

Existe outra diferença entre o Arrebatamento e a Segunda Vinda: a igreja será levada *antes* do início da última semana de Daniel e *antes* de Jesus retornar a Jerusalém para estabelecer seu reino milenar na Terra. Torrey refere-se a isso como “dois estágios de uma vinda”.²⁰⁴ Segundo Tim La Haye e Thomas Ice, “há muito os cristãos têm debatido se há alguma passagem na *Bíblia* que revele as duas etapas da vinda de Cristo separadas pelo período da Grande Tribulação”. La Haye e Ice creem que, “quando corretamente entendida, *2 Tessalonicenses 2.1-12* é essa passagem”. Eles afirmam que o assunto desse texto “é toda a vinda de Jesus Cristo”; o Arrebatamento se encontraria nas palavras “nossa reunião com ele” no versículo 1, e a subsequente e gloriosa aparição se encontraria nas palavras “então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda” (*2Ts 2.8*). Segundo eles:

O mais importante é observar que a vinda do Anticristo está claramente localizada entre as duas etapas da vinda de Cristo... Essa passagem torna clara a sequência dos eventos no Arrebatamento pré-tribulacional: primeiro temos o Arrebatamento; depois, o homem do pecado é revelado e, finalmente, ele é destruído pelo esplendor da aparição gloriosa de Jesus.²⁰⁵

¹⁹⁶ Sir Robert Anderson, *Unfulfilled Prophecy; and The Hope of the Church*, 2nd ed. (London: James Nisbet & Co. Ltd., 1918), 89.

¹⁹⁷ Kenneth S. Wuest, “Great Truths to Live By,” in *Wuest’s Word Studies from the Greek New Testament, Volume III* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1973), 138-42.

¹⁹⁸ Hitchcock, *Could the Rapture Happen Today?*, 52-61.

¹⁹⁹ Tony Pearce, *The House Built on the Sand* (Chichester: New Wine Press, 2006), 90.

²⁰⁰ T. W. Carron, *The Christian Testimony through the Ages* (London: G. Morrish, 1956), 6.

²⁰¹ Wuest, “Great Truths to Live By,” 139.

²⁰² Chafer, *Systematic Theology*, 354.

²⁰³ Anderson, *Unfulfilled Prophecy*, 60.

²⁰⁴ Torrey, *The Lord’s Return*, 42-43.

²⁰⁵ Tim LaHaye and Thomas Ice, *Charting the End Times: A Visual Guide to Understanding Bible Prophecy* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2001), 38

Críticos dessa posição interpretam “o dia do Senhor”, citado no versículo 2, como sinônimo de Arrebatamento e não como a gloriosa manifestação de Cristo que finaliza a época da Grande Tribulação. Por isso, argumentam que a igreja não pode ser arrebatada “sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição” (2Ts 2.3). A palavra grega *apostasia* tem sido tradicionalmente interpretada *metaforicamente* para indicar “o abandono da fé”. Porém, La Haye e Ice afirmam que as primeiras traduções da *Bíblia* inglesa, incluindo a *Bíblia de Wyclif*, o *Novo Testamento de Tyndale*, a *Bíblia de Coverdale*, a *Bíblia de Cranmer* e a *Bíblia de Genebra*, traduziram apostasia como “partida”, mas não se sabe por que a versão *King James* usou a expressão “*falling away*” (apostasia).²⁰⁶ Wuest declara que o uso de “apostasia” em 2 Tessalonicenses 2.3 é uma *interpretação*, e não uma *tradução*.²⁰⁷ Ele lança mais luz sobre essa discrepância ao observar que a raiz do termo *apostasia* é *aphistemi*, que ocorre quinze vezes no *Novo Testamento* e é traduzida onze vezes como “partida” na versão *King James*. Ele explica:

É usada uma vez em conexão com o abandono da fé (1Tm 4.1). O próprio fato de as palavras “da fé” serem acrescentadas, mostra que o termo em si não transmite a ideia de abandono da verdade... O significado predominante desse verbo no *Novo Testamento* é, portanto, o ato de deixar uma pessoa ou um lugar.²⁰⁸

Assim, por exemplo, Satanás “deixou” Jesus (Lc 4.13), o anjo “deixou” Pedro (At 12.10) e Ana “não deixava” o Templo (Lc 2.37). Como E. Schuyler English questiona: “*Por que presumimos que a partida tem que ser da fé?... Se o artigo definido sugere fortemente que a partida era algo familiar aos tessalonicenses, por que consideramos essa partida como apostasia?*”²⁰⁹

Os sionistas cristãos afirmam que o verdadeiro crente deve esperar pela vinda de Cristo “a qualquer momento”, e “não o esperar vinculando sua chegada a algum evento previsto cujos sinais são dados a Israel e não à Igreja”.²¹⁰ Froese chega à seguinte conclusão lógica:

Se alguém está esperando a Grande Tribulação, então não pode estar esperando Jesus. Se alguém está esperando o aparecimento do Anticristo, então não pode estar esperando Jesus.²¹¹

Nunca foi dito aos cristãos verdadeiros para “temer o Anticristo”,²¹² pois eles não estarão aqui quando esse personagem se manifestar. O conforto que Paulo menciona em 1 Tessalonicenses 4.18 consiste em saber que “Jesus poderá vir hoje”.²¹³

O Anticristo e a Grande Tribulação

Os sionistas cristãos creem que no início da septuagésima semana de Daniel um líder mundial sedutor, conhecido como Anticristo, “irromperá no cenário com grande poder e autoridade”²¹⁴

²⁰⁶ LaHaye and Ice, *Charting the End Times*, 38; cf. H. Wayne House, “*Apostasia in 2 Thessalonians 2:3: Apostasy or Rapture?*”, in Ice and Demy, *The Return*, 147-82.

²⁰⁷ Wuest, “*Great Truths to Live By*,” 141.

²⁰⁸ Citado em LaHaye and Ice, *Charting the End Times*, 39-40.

²⁰⁹ E. Schuyler English, *Re-Thinking the Rapture* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1954), 69.

²¹⁰ Wuest, “*Great Truths to Live By*,” 140.

²¹¹ Froese, *The Great Mystery of the Rapture*, 351.

²¹² Todd Strandberg and Terry James, *Are You Rapture Ready? Signs, Prophecies, Warnings, Threats, and Suspicions that the Endtime Is Now* (New York: Dutton, 2003), 71.

²¹³ Froese, *The Great Mystery of the Rapture*, 18.

²¹⁴ David Brickner, *Future Hope: A Jewish Christian Look at the End of the World*, 2nd ed. (San Francisco, CA: Purple Pomegranate Productions, 1999), 41.

sendo“ prontamente aclamado como um salvador”.²¹⁵ Diferente da tradição reformada protestante, eles enfatizam o aspecto político do Anticristo ao invés do seu lado religioso, descrevendo-o como “o último falso Messias mundial”,²¹⁶ “um perito em diplomacia”,²¹⁷ um “ditador supremo”,²¹⁸ o “ditador romano”,²¹⁹ “o novo presidente mundial”,²²⁰ “o poderoso Kaiser... dotado por Satanás de poderes sobre-humanos”,²²¹ que assumirá prerrogativas de divindade”,²²² “o mais brilhante e benevolente líder da história”,²²³ “um grande humanitário”,²²⁴ o último humanista”,²²⁵ “um homem de guerra”,²²⁶ “um mestre do engano”,²²⁷ “um homem de singular inteligência e de carisma pessoal”²²⁸ que “deixará fascinada a maior parte da população mundial”²²⁹ com seus “milagres satanicamente produzidos”,²³⁰ “o maior perseguidor de Israel”,²³¹ “a encarnação do mal na Terra”,²³² “a abominação humana idólatra”,²³³ “uma espécie invertida de Messias”,²³⁴ “um deus-homem falsificado”,²³⁵ “o comparsa do diabo”,²³⁶ “a obra-prima de Satanás”,²³⁷ “a manifestação culminante de Satanás”,²³⁸ “o testa de ferro no clímax final da rebelião satânica contra Deus”,²³⁹ “um super-homem que servirá como imitação satânica do Rei dos reis e Senhor dos senhores”²⁴⁰ e “a imitação mais perfeita de Cristo que Satanás pode produzir”.²⁴¹ Os sionistas cristãos geralmente creem que o Anticristo será aclamado como o Messias pelo “Mistério da Babilônia” (Ap 17.5), que eles descrevem como a “Mãe das Prostitutas e das Abominações da Terra”,²⁴² um “falso sistema religioso”,²⁴³ a “única fé mundial”²⁴⁴ e a “única superigreja mundial”. A cabeça dessa “falsa noiva de Cristo”²⁴⁵ acredita-se ser a Igreja Católica Romana, a qual Dave Hunt descreve

²¹⁵ James Montgomery Boice, *The Last and Future World* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974), 72.

²¹⁶ Hitchcock and Ice, *The Truth Behind Left Behind*, 134.

²¹⁷ LaHaye and Jenkins, *Are We Living in the End Times?*, 279.

²¹⁸ Watson, *The New Europe*, 66.

²¹⁹ Lindsey, *The Rapture*, 4.

²²⁰ Froese, *The Great Mystery of the Rapture*, 226.

²²¹ Anderson, *Unfulfilled Prophecy*, 72-73.

²²² Walvoord and Hitchcock, *Armageddon, Oil, and Terror*, 67.

²²³ Hunt, *Global Peace*, 7.

²²⁴ Larkin, *The Greatest Book on “Dispensational Truth” in the World*, 122.

²²⁵ Hal Lindsey, *The Final Battle* (Palos Verdes, CA: Western Front, Ltd., 1995), 165.

²²⁶ Hitchcock, *Is the Antichrist Alive Today?* 27.

²²⁷ Lindsey, *The Rapture*, 150.

²²⁸ Derek Prince, “Epilogue: Drama in Three Acts,” in Lydia Prince, *Appointment in Jerusalem* (Eastbourne: Kingsway Publications, 1984), 182.

²²⁹ Strandberg and James, *Are You Rapture Ready?*, 96.

²³⁰ Lindsey, *The Final Battle*, 163.

²³¹ Paul N. Benware, *Understanding End Times Prophecy* (Chicago, IL: Moody Press, 1995), 149.

²³² Brickner, *Future Hope*, 43.

²³³ Erich Sauer, *The Triumph of the Crucified: A Survey of the History of Salvation in the New Testament* (Carlisle: The Paternoster Press, 1994), 120.

²³⁴ Thomas S. McCall and Zola Levitt, *Satan in the Sanctuary* (Chicago, IL: Moody Press, 1974), 89.

²³⁵ Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah*, 144.

²³⁶ Gordon, *Hope and Glory*, 261.

²³⁷ Arno C. Gaebelein, *The Conflict of the Ages*, Revised ed. (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1983), 150.

²³⁸ William E. Blackstone, *Jesus is Coming* (Chicago, IL: Fleming H. Revell Company, 1932), 107., 44.

²³⁹ Brickner, *Future Hope*

²⁴⁰ Chafer, *Systematic Theology*, 346.

²⁴¹ Hunt, *Global Peace*, 8.

²⁴² Keith A. Macnaughtan, *Israel and the Coming King* (Murrumbena: The David Press, 1974), 15.

²⁴³ Hunt, *Global Peace*, 128.

²⁴⁴ Davidson, *Islam, Israel*, 124.

²⁴⁵ Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah*, 161.

como “o maior e mais perigoso sistema religioso que já existiu” e “o mais poderoso e efetivo inimigo do cristianismo ao longo da história”.²⁴⁶

O Anticristo tem sido apontado também por muitos sionistas cristãos como a futura “liderança da União Europeia”,²⁴⁷ considerada um protótipo da aliança dos dez reinos citados em *Apocalipse* 17.12-18. Essa aliança é considerada a representação do “Império Romano Redivivo”, que “governará todo o planeta” e estabelecerá uma “Nova Ordem Mundial” (cf. *Dn* 2.33). Em seu livro, *Rome, Babylon the Great and Europe* (2003), Bob Mitchell chama a atenção para a mulher montada numa besta em *Apocalipse* 17. Ele crê que essa imagem é reproduzida na estátua de bronze situada na parte exterior do prédio do Conselho da Europa em Estrasburgo, bem como nos selos da União Europeia em que uma mulher é retratada montada num touro (Zeus).²⁴⁸

Disfarçado como homem de paz, os sionistas cristãos afirmam que o Anticristo convencerá o mundo que tem “a capacidade de resolver o problema do Oriente Médio”.²⁴⁹ De acordo com *Daniel* 9.27, ele fará isso ao iniciar um tratado de paz de sete anos com Israel, antes de quebrá-lo na metade dessa semana; nesse ponto, ele buscará impor “uma solução final” para o conflito do Oriente Médio”.²⁵⁰ O período seguinte de três anos e meio é identificado como o “dia do Senhor” (cf. *Is* 13.6; *Ez* 7.19; *Jl* 3.14; *Sf* 11.7), o “tempo de angústia para Jacó” (*Jr* 30.7) e o tempo de “grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais” (*Mt* 24.21). Como Stephen Boreland constata, os “locais geográficos”, as “inferências culturais” e as “implicações religiosas”²⁵¹ do Sermão do Monte das Oliveiras se relacionam com a terra de Israel e o povo judeu, não com a igreja. Em outras palavras, o sermão possui um “elenco judeu”²⁵² do princípio ao fim. Chamado de a Grande Tribulação (*Ap* 7.14), esse período será marcado por “uma intensificação gradual do juízo de Deus”²⁵³ ou da “ira divina”²⁵⁴ sobre a Terra (*Ap* 6.16-17). Como Wuest destaca, “a promessa à igreja é de que ela se livrará da ira vindoura” (*1Ts* 1.9-10; *5.8*; *Rm* 5.9), e acrescenta que a *Bíblia* “declara expressamente quem serão os objetos da ira divina durante o período de tribulação, a saber, Israel e os infiéis das nações gentílicas”.²⁵⁵ Se a Igreja também fosse destinada a sofrer, certamente “a *Bíblia* registraria isso, mencionando-a juntamente com os dois grupos acima referidos”.

Os sionistas cristãos creem que no momento em que a Grande Tribulação “atingir seu clímax de horror”,²⁵⁶ o Anticristo fará com os deixados para trás aceitem a “marca da besta” (666) como

²⁴⁶ Hunt, *Global Peace*, 136.

²⁴⁷ Hagee, *Jerusalem Countdown*, 101.

²⁴⁸ Bob Mitchell, *Rome, Babylon the Great and Europe* (Cambridge: St. Matthew Publishing Ltd., 2003), xi, 133, 142-50.

²⁴⁹ Tatford, *Five Minutes to Midnight*, 72.

²⁵⁰ David Dolan, *Israel at the Crossroads: Fifty Years and Counting* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1998), 280. Joel Richardson identifica paralelos entre o Anticristo e o “Mahdi” Islâmico, (Joel Richardson, *Antichrist: Islam's Awaited Messiah* [Enumclaw, WA: Pleasant Word, 2006], 65-67, 187-91.)

²⁵¹ Stephen Boreland, *Some Golden Daybreak: A Defence of the Pretribulation Rapture* (Pearl Publishing Press, 2001), 49.

²⁵² English, *Re-Thinking the Rapture*, 44.

²⁵³ Strandberg and James, *Are You Rapture Ready?*, xiv.

²⁵⁴ Paul D. Feinberg, “The Case for the Pretribulation Rapture Position,” in *The Rapture: Pre-, Mid-, or Post-Tribulational?*, ed. Gleason L. Archer et al. (Grand Rapids, MI: Academie Books, 1984), 58.

²⁵⁵ Wuest, “Great Truths to Live By,” 140; cf. Thomas Ice, “The 70 Weeks of Daniel,” in *LaHaye and Ice, The End Times Controversy*, 310-11.

²⁵⁶ C. I. Scofield, *The Scofield Bible Correspondence School Course of Study, Vol. III: Synthesis of Bible Truth*, 14th ed. (Chicago, IL: Moody Bible Institute, n.d.), 614. Thomas Ice and Timothy Demy, *The Coming Cashless Society* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1996), 121-32.

sinal da aliança com ele, sem a qual não poderão comprar nem vender coisa alguma (Ap 13.16-18; 14.9-11; 20.4).²⁵⁷ Isso marcará o “ponto sem volta”,²⁵⁸ quando, pela primeira vez na história, povos receberão “um prazo final para declarar sua aliança com Cristo e o evangelho”.²⁵⁹ Segundo LaHaye, “a tecnologia da marca da besta já existe!”²⁶⁰

O Terceiro Templo

A maioria dos sionistas cristãos prevê o dia em que o Anticristo se assentará como Deus no Templo de Jerusalém reconstruído,²⁶¹ apesar da existência de “dois santuários árabes no único local da terra em que o Templo pode ser edificado”.²⁶² Eles geralmente acolhem a afirmação de John Nelson Darby de que o “templo” (Gr. *naos* 2Ts 2.4) mencionado pelo apóstolo Paulo é, na verdade, o futuro Templo de Jerusalém, e não “a Igreja Cristã”.²⁶³ Eles também reconhecem a importância de grupos como o Temple Mount Faithful que, em 1990, tentou colocar a pedra fundamental do terceiro Templo, e o Temple Institute que tem praticamente pronto tudo que é necessário para reinstalar o sistema sacrificial.²⁶⁴ Seu fundador, Rabbi Yisrael Ariel, esclarece que o Instituto do Templo é:

...dedicado a cada aspecto do conceito do Templo Santo de Jerusalém e ao seu papel central já cumprido e que será cumprido mais uma vez para o bem-estar tanto de Israel como de todas as nações do mundo. O trabalho do instituto envolve a história do Santo Templo do passado, o entendimento do presente e a promessa divina feita a Israel para o futuro... O alvo final do Instituto do Templo é ver Israel reconstruir o Santo Templo no Monte Moriá, em Jerusalém, segundo os preceitos bíblicos.²⁶⁵

Os cristãos sionistas creem que há uma ligação profética entre o Terceiro Templo e a festa judaica de *Hanukah*, que comemora a reedificação do Templo de Zorobabel em 164 a.C., após a profanação de Antíoco Epifânio IV, em 167 a.C. Eles afirmam que essa profanação prefigura a “abominação da desolação” mencionada em *Mateus 24.15* e *Daniel 9.27*,²⁶⁶ e consideram a cúpula islâmica da rocha uma precursora disso.

Baseando-se numa leitura literal de *Ezequiel 40—46*, muitos também creem que o sistema sacrificial será reinstalado no Templo milenar, mas somente como um memorial semelhante ao que acontece na Ceia do Senhor. Segundo a explicação de Darby, “se Israel vier a ter sacrifícios, como também um templo e um sacerdócio terrenos, eles serão apenas sinais memoriais da grande oferta de Cristo”.²⁶⁷ A controvérsia aumenta a respeito das preparações para reconstruir o Templo, o que Linsey prevê como sendo “o fusível que iniciará a batalha final — o

²⁵⁷ Thomas Ice and Timothy Demy, *The Coming Cashless Society* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1996), 121-32.

²⁵⁸ Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah*, 176.

²⁵⁹ Hitchcock and Ice, *The Truth Behind Left Behind*, 143.

²⁶⁰ Tim LaHaye, “*The Signs of the Times Imply His Coming*,” in *10 Reasons why Jesus Is Coming Soon*, ed. John Van Diest (Sisters, OR: Multnomah Books, 1998), 204.

²⁶¹ Thomas Ice and Randall Price, *Ready to Rebuild: The Imminent Plans to Rebuild the Last Days Temple* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1992), 197-207.

²⁶² Rosen, *Overture to Armageddon?*, 114. .

²⁶³ Scroggie, *The Unfolding Drama of Redemption: Vol. III*, 55.

²⁶⁴ Ice and Price, *Ready to Rebuild*, 105-14, 120-30.

²⁶⁵ The Temple Institute, <http://www.templeinstitute.org/main.htm>, 1 de agosto de 2006.

²⁶⁶ Erich Sauer, *The Dawn of World Redemption: A Survey of the History of Salvation in the Old Testament* (Carlisle: The Paternoster Press, 1994), 170-71. Alguns autores fazem distinção entre o “Tempo da tribulação” e o “Templo do milênio” (cf. Ice and Price, *Ready to Rebuild*, 197; Hutchings, *25 Messianic Signs*, 136-39.)

²⁶⁷ J. N. Darby, *Letter* [1860], L3:325.

Armagedom”²⁶⁸ Como Joel Rosenberg destaca, o Monte do Templo “é o quilômetro quadrado mais perigoso do planeta”.²⁶⁹

O Segundo Holocausto

Os cristãos sionistas geralmente concordam que a Grande Tribulação culminará com o cerco de Jerusalém (Zc 12.2-3; 14.2), quando Israel será colocado por Deus “num grande aperto”,²⁷⁰ sendo “completamente cercado, encurralado e isolado”.²⁷¹ Com discernimento profético, o salmista escreveu: “Tramam astutamente contra o teu povo e conspiram contra os teus protegidos. Dizem: Vinde, risquemo-los de entre as nações; e não haja mais memória do nome de Israel” (Sl 83.3-4). Segundo Kitson, quando as nações se juntarem contra Jerusalém, “somente o seguinte obstáculo permanecerá entre a nação judaica e o extermínio total: as alianças do Senhor e sua promessa de guardar Israel”.²⁷² Assim como Deus ouviu o clamor do seu povo no Egito, do mesmo modo o Filho de Deus ouvirá o clamor de seu povo em Israel, “que será sobrenaturalmente fortalecido”²⁷³ contra seus inimigos (Zc 12.6-9). A nação judaica olhará naquele momento para aquele a quem traspassaram, quando “o verdadeiro José se revelará a seus irmãos, e eles mergulharão numa amarga tristeza e humilhação por causa do seu pecado e do pecado da nação” (cf. Gn 45.1-15; Zc 12.10).²⁷⁴

Esse período da Grande Tribulação tem sido descrito por muitos como o segundo Holocausto, quando a profecia de Zacarias sobre dois terços sendo eliminados da Terra (Zc 13.8) será cumprida durante “a feroz perseguição do Anticristo”²⁷⁵ Como John Walvoord explica: “Por mais doloroso que seja, o povo de Israel que hoje retorna à sua antiga terra está se colocando no olho do redemoinho futuro que destruirá a maior parte dos seres vivos na Terra”.²⁷⁶ No entanto, como Zacarias 14.3-16 deixa claro, Deus não esquecerá de suas promessas feitas a Israel durante essas “convulsões terríveis”²⁷⁷ pois “o tempo de sua pior visitação será também o tempo de sua maior oportunidade”.²⁷⁸

Enfrentando as Consequências

A Palavra do Senhor revelada por meio do profeta Zacarias diz:

Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor e também para Judá, durante o sítio contra Jerusalém. Naquele dia, farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a erguerem se ferirão gravemente; e, contra ela, se ajuntarão todas as nações da terra (Zc 12:1-3).

Dave Hunt crê que o motivo pelo qual Jerusalém permanece “nas manchetes do mundo” é devido ao “cumprimento de muitas profecias a respeito dessa famosa cidade e do seu lugar único na

²⁶⁸ Lindsey, *The Final Battle*, 93.

²⁶⁹ Rosenberg, *Epicenter*, 191.

²⁷⁰ Hitchcock, *Could the Rapture Happen Today?*, 93.

²⁷¹ Rosenberg, *Epicenter*, 163.

²⁷² Kitson, *Jerusalem*, 215.

²⁷³ Dolan, *Israel in Crisis*, 56.

²⁷⁴ Edward Dennett, *The Blessed Hope: Being Papers on the Lord's Coming and Connected Events* (London: G. Morrish, 1910), 89.

²⁷⁵ Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah*, 197; cf. Charles C. Ryrie, *The Living End* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1976), 81.

²⁷⁶ Walvoord, *Israel in Prophecy*, 113.

²⁷⁷ Erich Sauer, *From Eternity to Eternity: An Outline of the Divine Purposes* (Carlisle: The Paternoster Press, 1994), 30.

²⁷⁸ Sydney Watson, *The Mark of the Beast* (Edinburgh: B. McCall Barbour, 1977), 153.

vontade de Deus". Ele afirma que isso "é prova absoluta de que Deus existe, que a *Bíblia* é sua *Palavra* e que os judeus são seu povo escolhido".²⁷⁹ Os sionistas cristãos, assim como Hunt, creem que apesar de séculos de dispersão e perseguição, e mesmo com o estabelecimento da igreja, os judeus continuam sendo a nação eleita, conforme Deus declarou: "De todas as famílias da Terra, somente a vós outros vos escolhi" (*Am 3.2*). Conforme observa David Baron, "eles não são apenas uma nação 'antiga', mas a nação 'eterna'".²⁸⁰ Dessa forma, o povo judeu é, de modo singular e irrevogável, escolhido para manifestar o caráter e a glória de Deus às nações e "para provar e revelar o coração da humanidade".²⁸¹ De acordo com a parábola das ovelhas e dos cabritos, as nações serão julgadas conforme o tratamento dado aos irmãos judeus convertidos a Jesus (*Mt 25.31-46*).

O apelo consistente que os sionistas cristãos fazem a *Gênesis 12.2-3* tem sido descrito pelos críticos como "tema monótono".²⁸² Embora seja ligeiramente reducionista afirmar que "*Gênesis 12.3* seja a expressão do sionismo cristão em poucas palavras",²⁸³ esse texto encerra o princípio central da teologia sionista cristã, relatando que Deus prometeu a Abraão abençoar aqueles que o abençoassem e amaldiçoar aqueles que o amaldiçoassem.

Os sionistas cristãos interpretam esses versículos literalmente quando observam a forma como as nações gentílicas têm tratado o povo judeu, afirmando que desde Hamã a Hitler, "a história mostra como é perigoso odiar o povo escolhido [de Deus]".²⁸⁴ Como Arnold Fruchtenbaum incisivamente observa, "o judeu se coloca em pé ao lado do túmulo de todos os seus inimigos".²⁸⁵ Em 1915, Sydney Watson declarou que "nenhuma nação pode perseguir [os judeus] sem eventualmente passar por sofrimento"²⁸⁶ e, em 1943, num almoço com seu "velho amigo"²⁸⁷ Chaim Weizmann, Winston Churchill falou sobre como "Deus trata as nações de acordo com o modo como elas tratam os judeus".²⁸⁸ Conforme o próprio Senhor declarou solenemente: "Porque a nação e o reino que não te [Israel] servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas" (*Is 60.12*).

Em seu livro *Eye to Eye: Facing the Consequences of Dividing Israel*, William Koenig alerta que haverá "terríveis consequências para aqueles que perseguem os judeus e os que continuam hostilizando Israel, tocando na menina dos olhos de Deus".²⁸⁹ Ele é um dos muitos que têm feito conexões entre os desastres naturais e políticos ocorridos nos Estados Unidos e a forma como a nação norte-americana tem tratado Israel. Segundo Derek Prince:

No conselho eterno de Deus, ele determinou fazer de Jerusalém o tema principal por meio do qual lidará com as nações. As nações que se alinharem com os propósitos de Deus

²⁷⁹ Dave Hunt, "O Jerusalem, Jerusalem!", *The Berean Call*, September (2000), 1.

²⁸⁰ David Baron, *Israel in the Plan of God* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1983), 214.

²⁸¹ Sandra Teplinsky, *Why Care about Israel? How the Jewish Nation Is Key to Unleashing God's Blessings in the 21st Century* (Grand Rapids, MI: Chosen Books, 2004), 21.

²⁸² Dwight Wilson, *Armageddon Now! The Premillenarian Response to Russia and Israel since 1917* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1991), 28.

²⁸³ Brog, *Standing with Israel*, 69.

²⁸⁴ Allan A. MacRae, "Hath God Cast Away His People?", in *Prophetic Truth Unfolding Today*, ed. Charles L. Feinberg (Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1968), 95.

²⁸⁵ Arnold G. Fruchtenbaum, *Israelology: The Missing Link in Systematic Theology* (Tustin, CA: Ariel Ministries Press, 1993), p. 838.

²⁸⁶ Watson, *The New Europe*, 109. *Jerusalem Post*, *Front Page Israel*, 146.

²⁸⁷ Arnold G. Fruchtenbaum, *Israelology: The Missing Link in Systematic Theology* (Tustin, CA: Ariel Ministries Press, 1993), 838.

²⁸⁸ Quoted in Eban, *My People*, 425.

²⁸⁹ William R. Koenig, *Eye to Eye: Facing the Consequences of Dividing Israel* (Alexandria, VA: About Him, 2004), 170.

para Jerusalém receberão sua bênção. Mas aquelas que seguirem uma política de oposição aos seus propósitos serão severamente castigadas.²⁹⁰

Israel e o Islamismo

Os sionistas cristãos acusam a Igreja de estar “num nevoeiro espiritual quando o assunto é islamismo”²⁹¹ e crê que as nações muçulmanas estão cumprindo um importante papel profético nos dias atuais. A oposição islâmica a Israel remonta ao antigo conflito entre Isaque e Ismael e entre Jacó e Esaú (cf. Gn 16.12; 25.23). Segundo Ramon Bennet, o conflito árabe-israelense pode ser resumido em uma palavra: “Islã!” Ele escreve:

A recriação do Estado de Israel em 1948 criou um grande desafio para o mundo islâmico... Um Israel recriado prova que a *Bíblia* é verdadeira e que o ensino do *Corão* é falso. O Israel recriado não somente crava uma espada no coração da crença islâmica, mas também acrescenta insulto à injúria de ser recriado bem no centro da região islâmica!... A honra de Alá foi maculada.²⁹²

Em 1995, Hal Lindsey alegou que o Irã era a “principal nação a ser observada”²⁹³ no desenrolar dos últimos dias. Em resposta ao reiterado apelo do presidente Islâmico Mahmoud Ahmadinejad para aniquilar Israel, muitos livros de cristãos sionistas foram publicados destacando o papel profético de Irã/Pérsia em relação com *Ezequiel 38—39*. No livro *Jerusalém Countdown: A Warning to the World* (2006), John Hagee descreve o Irã como o “o posto de comando do terror islâmico”,²⁹⁴ e em seu livro, *Iran: The Coming Crisis* (2006), Mark Hitchcock retrata o aparecimento do “aiatolá atômico” e resume “o programa profético de Deus para o Irã”.²⁹⁵ No livro *The House Built on the Sand* (2006), Tony Pearce descreve a existência de Israel como “um espinho na carne do mundo islâmico”, afirmando que a hostilidade islâmica para com Israel é baseada não na falácia da ocupação de Israel da “Palestina”, mas no simples fato de Israel existir”.²⁹⁶

Sionistas cristãos têm comparado cada vez mais o Islã ao nazismo. A aliança entre Hitler e Haj Amin Effendi al-Husseini, o Grand Mufti de Jerusalém e parente de Yassir Arafat, foi bem documentada.²⁹⁷ Em 1942, al-Husseini declarou na rádio de Berlim: “Morte aos judeus — matem-nos com suas mãos, matem-nos com seus dentes — isso agrada Alá”.²⁹⁸ Hunt argumenta que na história das crueldades do homem contra o homem “o Holocausto nazista ficou em segundo lugar, logo atrás do Islã”.²⁹⁹ Com o surgimento do que tem sido denominado “islamofascismo”, os sionistas cristãos concordam com Prager e Telushkin que afirmam que vivemos no “tempo mais assustador para os judeus desde o Holocausto”.³⁰⁰

²⁹⁰ Derek Prince, “A Letter from Derek Prince,” *Israel & Christians Today*, Outono de 2003, 3.

²⁹¹ Hagee, *Jerusalem Countdown*, 31.

²⁹² Ramon Bennett, *When Day and Night Cease, Revised ed.* (Jerusalem: Arm of Salvation, 1996), 193.

²⁹³ Lindsey, *The Final Battle*, 50.

²⁹⁴ Hagee, *Jerusalem Countdown*, vii.

²⁹⁵ Hitchcock, *Iran*, 10.

²⁹⁶ Pearce, *The House Built on the Sand*, 32, 38.

²⁹⁷ Joan Peters, *From Time Immemorial: The Origins of the Arab-Jewish Conflict over Palestine* (Chicago, IL: JKAP Publications, 2001), 360-90.

²⁹⁸ Citado em Jan Willem van der Hoeven, *Babylon or Jerusalem?* (Shippensburg, PA: Destiny Image, 1993), 136.

²⁹⁹ Hunt, *Judgment Day*, 37.

³⁰⁰ Prager and Telushkin, *Why the Jews?*, xvii.

Em 1936, Keith Brook, fundador da Liga Profética Norte-Americana, afirmou que o mundo árabe e muçulmano “não é apenas antissemita, mas é totalmente anticristo”.³⁰¹ Apesar da surpreendente declaração de Tiah Abu El-Assau, bispo anglicano de Jerusalém, de que “não existe história de ‘antissemitismo’ ou atitudes antijudaicas”³⁰² no Oriente Médio, o livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, aparece regularmente nas listas de livros árabes mais vendidos, a série *Protocolos dos Sábios de Sião* é frequentemente transmitida na televisão árabe e a negação do Holocausto continua inabalável.

Sionistas cristãos creem que “a interação entre o Islã e o Ocidente” transcende o que Samuel Huntington descreveu como “um confronto de civilizações”.³⁰³ Segundo Prince, “a força que une as chamadas nações ‘árabes’ não é genealógica, mas espiritual. É religião, não raça. É o Islã.... Assim, o conflito no Oriente Médio tem sua verdadeira origem em forças espirituais de oposição, não em fatores nacionalistas ou econômicos”.³⁰⁴ O “Príncipe da Pérsia” de *Daniel 10*, por exemplo, tem sido identificado como “o principado demoníaco que idealizou o Islã” e que “tem aprisionado milhões de árabes”.³⁰⁵

Ao comentar o fenômeno do terrorismo islâmico, Hunt observa que os “bombardeios e assassinatos têm origem em sincera motivação religiosa: a destruição de Israel e a futura submissão do mundo inteiro à lei islâmica. Ainda assim, de alguma forma, toda a culpa é atribuída a Israel”. Hunt rejeita qualquer alegação de que o Islã seja uma religião pacífica, afirmando que isso é “uma tentativa esquizofrênica de negar a verdade”.³⁰⁶ Por exemplo, em abril de 2002, alegações forjadas de um massacre em Jenin foram levantadas contra Israel, sendo a nação veementemente condenada pela comunidade internacional. Somente depois de cuidadosa investigação a verdade veio à tona, sem que houvesse qualquer retratação.³⁰⁷ Sionistas cristãos buscam ativamente corrigir o que percebem ser uma agenda anti-israelense na mídia. Contestando o argumento de “equivalência moral”³⁰⁸ nos relatos tendenciosos da mídia, eles consideram as críticas formuladas contra Israel uma renovação do ódio que os judeus têm sofrido durante séculos.³⁰⁹ Um famoso oponente do sionismo cristão, Stephen Sizer, foi acusado de expor “uma variedade de ensinamentos falsos e devastadores” à Igreja à medida que “reescreve e manipula” a história e a *Bíblia* e, fazendo isso, “estimula a *intifada* espiritual palestina”.³¹⁰ A teologia de Sizer foi denunciada como antissemita num artigo de capa de 2002 da revista *The Spectator*.³¹¹

³⁰¹ Timothy P. Weber, *On the Road to Armageddon: How Evangelicals Became Israel's Best Friend* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004), 170.

³⁰² Riah Abu El-Assal, *Caught in Between: The Extraordinary Story of an Arab Palestinian Christian Israeli* (London: SPCK, 1999), 143.

³⁰³ Samuel P. Huntington, “The Clash of Civilisations?”, *Foreign Affairs*, Verão de 1993, <http://www.alamut.com/subj/economics/misc/clash.html>, 17 de agosto de 2006.

³⁰⁴ Derek Prince, *The Last Word on the Middle East* (Eastbourne: Kingsway Publications, 1982), 79-80.

³⁰⁵ Kitson, *Jerusalem*, 169-72.

³⁰⁶ Dave Hunt, *A Cup of Trembling: Jerusalem and Bible Prophecy* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1995), 198-99.

³⁰⁷ Richard Starr, “The Big Jenin Lie,” *The Daily Standard*, 8 de maio de 2002, <http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/001/218vnicq.asp>, 1 de junho de 2006.

³⁰⁸ Geoffrey Smith, “Christians, Israel and the Struggle for Peace,” in *Israel: His People, His Land, His Story*, ed. Fred Wright (Eastbourne: Thankful Books, 2005), 129.

³⁰⁹ Michael L. Brown, *Our Hands Are Stained with Blood: The Tragic Story of the “Church” and the Jewish People* (Shippensburg, PA: Destiny Image Publishers, Inc., 1992), 43-57.

³¹⁰ Gershon Nerel, “Spiritual Intifada of Palestinian Christians and Messianic Jews,” in *Wright, Israel*, 216-17.

³¹¹ Melanie Phillips, “Christians who hate the Jews,” *The Spectator*, 16 de fevereiro de 2002, <http://www.melaniephillips.com/articles/archives/000765.html>, 6 de junho de 2006.

Concluindo, é importante apresentar dois pontos-chave. Primeiramente, os sionistas cristãos creem que o ódio permanente das nações islâmicas contra os judeus só pode ser explicado em termos de “um conflito que dura há séculos entre o Deus de Israel e seu rebelde adversário, Satanás”.³¹² Discursando no senado norte-americano sobre o conflito palestino em 2002, o senador James Inhofe declarou: “Isso não é de forma alguma uma batalha política. É uma disputa sobre se a *Palavra de Deus* é verdadeira”.³¹³ Em segundo lugar, numa época de crescente desconfiança, medo e censura, devemos fazer clara distinção entre o indivíduo muçulmano e a religião do Islã. David Pawson adverte os leitores de seu livro, *The Challenge of Islam to Christians* (2003): “Eu ficaria muito triste se esse material causasse ou fosse usado para incitar medo e ódio contra os seguidores islâmicos... Todos os muçulmanos são seres humanos feitos à imagem de Deus e pessoas por quem nosso Senhor Jesus Cristo entregou sua própria vida. Se o amor divino os inclui, assim deve ser também o nosso”.³¹⁴

A Fraude Palestina

Ao contestar as reivindicações dos palestinos à terra de Israel, Dave Hunt declara veementemente que “*nunca* existiu um povo, nação, língua, cultura ou religião palestinos” e que a “afirmação da ascendência de um povo palestino que viveu milhares de anos numa terra chamada Palestina é uma fraude”.³¹⁵ Ele descreve como “impostores”³¹⁶ os que, sem conexão histórica nenhuma com a terra, saíram dos países árabes vizinhos e foram atraídos pela prosperidade de Israel. Um ex-terrorista palestino que se tornou cristão descreveu o conceito de povo palestino como “uma ficção dos islamistas”³¹⁷ que foi popularizada depois de 1948. Após os judeus retomarem a parte Leste de Jerusalém em 1967, tornou-se ainda mais politicamente conveniente para as autoridades palestinas promover essa ficção. Em sua rejeição desse “mito”³¹⁸ palestino, os sionistas cristãos citam como evidência convincente a mudança do nome da Judeia para *Síria Palestina* pelo Imperador Adriano, após a derrota dos judeus em 135 a.C. Sendo um nome derivado dos antigos inimigos de Israel, os Filisteus,³¹⁹ o termo “Palestina” foi adotado por Adriano com o propósito de apagar todas as vínculos judaicos com a terra. Desde então, a pátria judaica passou a ser chamada de “Palestina”, um nome que continuou a ser usado até o restabelecimento de Israel em 1948. É importante observar que em 1908 a Organização Sionista Mundial estabeleceu um escritório *palestino* em Jafa, e que durante a Segunda Guerra Mundial o exército britânico tinha uma brigada *palestina* composta unicamente de voluntários judeus. Também a Orquestra Sinfônica *Palestina* era formada por judeus, e o *Palestine Post*, que hoje é conhecido como *Jerusalem Post*, era um jornal judaico. Selos postais também foram emitidos com a inscrição “Palestine-El”, nos quais El significava *Eretz Israel*.³²⁰ Como Wertheim assevera, os judeus nunca teriam dado nome ao seu jornal homenageando outro povo ou nação.³²¹ Por isso, referências feitas por estudiosos à “antiga Palestina”³²² ou à “Palestina da

³¹² David Noakes, “*The Restoration of all Things*,” in Wright, Israel, 272.

³¹³ Citado em Koenig, *Eye to Eye*, 18.

³¹⁴ David Pawson, *The Challenge of Islam to Christians* (London: Hodder & Stoughton, 2003), 8; cf. Hunt, *Judgment Day*, 319; Rosenberg, *Epicenter*, 250-51.

³¹⁵ Hunt, “*O Jerusalem, Jerusalem!*”, 2.

³¹⁶ Hunt, *Judgment Day*, 7.

³¹⁷ Shoebat, *Why I Left Jihad*, 27.

³¹⁸ Peters, *From Time Immemorial*, 14, 137-71.

³¹⁹ Neil Asher Silberman, *Digging for God and Country* (New York: Alfred A. Knopf, 1982), 5. Price, *Unholy War*, 136.

³²⁰ Price, *Unholy War*, 136.

³²¹ Charlotte Wertheim, *War on God's People* (Chichester: New Wine Press, 2002), 48.

³²² Keith W. Whitelam, *The Invention of Ancient Israel: The Silencing of Palestinian History* (London: Routledge, 1996), 1.

Idade do Ferro”³²³ são uma contradição de termos, enquanto alegações de que Judeus do tempo de Jesus estavam “vivendo na Palestina”³²⁴ são, em sua origem, ao mesmo tempo falsas e não-históricas.

Segundo a leitura sionista cristã da história e da política do Oriente Médio, “foram necessários vinte anos de propaganda para estabelecer um mito que agora está profundamente incorporado nos corações e mentes das pessoas dentro e fora do mundo árabe... A alegação mítica de uma identidade palestina é simplesmente outra manobra tática na guerra islâmica travada contra Israel para promover sua destruição”.³²⁵

As Raízes Judaicas da Fé Cristã

Na edição de 1943 da revista *Our Hope*, E. Schuyler English declarou: “O melhor amigo dos judeus é o cristão que conhece a *Palavra de Deus*, seu amor por seu povo escolhido e seu lugar no plano profético”.³²⁶ No século 19, o bispo anglicano J. C. Ryle entendeu a centralidade da *Segunda Vinda de Cristo* e da *restauração de Israel* para a fé cristã. Em seu sermão intitulado “O Israel disperso será reunido”, ele declarou:

Eu não afirmo que essas duas verdades são essenciais para a salvação, e que para que alguém seja salvo é necessário que creia nelas como eu creio. Mas o que digo a todos é que essas verdades me parecem claramente estabelecidas nas *Sagradas Escrituras* e que a negação delas é para mim algo tão surpreendente e incompreensível como a negação da divindade de Cristo.³²⁷

A traição teológica da Igreja a Israel pode ser rastreada na tradição *adversus Judaeos* (contra Israel), que deu origem à doutrina de que a igreja substituiu Israel nos propósitos e promessas de Deus. Arraijada nos escritos pós-apostólicos como a *Epístola de Barnabé* e o *Diálogo com Trifão, um judeu*, essa tradição floresceu na escola alegórica de interpretação bíblica que foi defendida por Orígenes (c. 185-254) e por Agostinho (354-430). Está também consagrada nas teologias amilenista, reformada e aliancista,³²⁸ da *Confissão de Fé de Westminster* (1646). Ao alegorizar as *Escrituras*, as promessas a Israel foram “espiritualmente transformadas”³²⁹ em bênçãos da igreja”, abrindo assim o caminho para a desnacionalização de Israel³³⁰ e preparando a estrada para grande parte do antissemitismo vigente na Idade Média. Isso destruiu a escatologia milenarista da igreja primitiva, cuja fé era “histórica”³³¹ e “ortodoxa”.³³² O abandono devastador da crença verdadeira e literal na *Palavra de Deus*³³³ deu origem à teoria da

³²³ Philip R. Davies, *In Search of “Ancient Israel”* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992), 30.

³²⁴ Naim Ateek, “*Jerusalem in Islam and for Palestinian Christians*,” in Walker, Jerusalem, 142.

³²⁵ Ramon Bennett, Philistine: *The Great Deception (Jerusalem: Arm of Salvation, 1995)*, 136.

³²⁶ Quoted in Gaebelien, *The Conflict of the Ages*, xv.

³²⁷ J. C. Ryle, *Are You Ready for the End of Time?* (Fearn: Christian Focus Publications, 2001), 112.

³²⁸ A Teologia da Aliança é, basicamente, um sistema filosófico que ensina que sempre existiu apenas um povo de Deus, “a igreja”, e que todas as alianças bíblicas são partes de uma só, a principal “aliança da graça”, a qual Deus celebrou com os eleitos.

³²⁹ R. A. Huebner, *The Truth of the Pre-Tribulation Rapture Recovered* (Millington, NJ: Present Truth Publishers, 1976), 29. 332 Seiss, *The Last Times*, 232-58.

³³⁰ Ronald E. Diprose, *Israel and the Church: The Origins and Effects of Replacement Theology* (Rome: Istituto Biblico Evangelico Italiano, 2000), 69-98.

³³¹ Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith*, 17.

³³² Don Hender, *The Nation of Israel: Its Foundation, Function, Failure, and Future* (Pearl Publishing Press, 2001), 29.

³³³ Don Hender, *The Nation of Israel: Its Foundation, Function, Failure, and Future* (Pearl Publishing Press, 2001), 29.

substituição, que ensina que a igreja se tornou o “novo Israel de Deus”.³³⁴ Nas palavras de Nathaniel West, “Israel foi extinto... por mãos gentílicas”.³³⁵

Em 2002, o Knox Theological Seminary, em Fort Lauderdale, Florida (EUA), publicou uma “*Carta Aberta aos Evangélicos e Demais Interessados*”, declarando que as promessas a Abraão e seus descendentes “não se aplicam a qualquer grupo étnico específico, mas à igreja de Jesus Cristo, o verdadeiro Israel”; que o Terceiro Templo “é a Igreja que Jesus prometeu construir”; que nenhum escritor do *Novo Testamento* previu “uma reunião do Israel étnico na Terra”; e que o “reino messiânico prometido por Jesus Cristo já foi inaugurado”.³³⁶ Tal substituição é totalmente condenada pelos sionistas cristãos por ser “uma teologia da supremacia”,³³⁷ uma “grosseira distorção teológica” que “não passa de antissemitismo”,³³⁸ “a mãe de muitas heresias”³³⁹ e “um câncer na igreja”.³⁴⁰

Os sionistas cristãos destacam que a teologia da substituição também está presente no coração do catolicismo romano. Conforme Hunt esclarece:

A Igreja Católica não tem qualquer compreensão das profecias bíblicas a respeito do retorno dos judeus a Israel e da volta do Messias para reinar no trono de Davi, seu Pai. Roma se autodenomina a Nova Jerusalém; a velha Jerusalém e os judeus não fazem mais parte do plano de Deus.³⁴¹

Durante os séculos, a perseguição do povo judeu foi vista pela Igreja Católica Romana como evidência de sua supremacia. Segundo Hunt, uma vez que Jesus era judeu, o tratamento que Roma dispensa ao povo judeu “testifica contra a alegação de o catolicismo de ser cristão”.³⁴² Além disso, Hunt defende que a doutrina da substituição “lançou as bases para... o holocausto nazista”.³⁴³ Um historiador da teologia do Holocausto, Franklin Littell, descreve “o mito da substituição” como a “extensão lógica”³⁴⁴ que produziu a “Solução Final” de Hitler. Os sionistas cristãos traçam uma clara linha de separação entre o cristianismo e o catolicismo, entre a verdadeira igreja e a falsa, e, apesar de reconhecerem o “fato histórico trágico de que a igreja visível foi manchada com o sangue do povo judeu”,³⁴⁵ eles afirmam que “cristãos verdadeiros nunca perseguiram os judeus”.³⁴⁶

³³⁴ E. B. Elliott, *Horae Apocalypticæ, or A Commentary on the Apocalypse, Critical and Historical; Including also an Examination of the Chief Prophecies of Daniel: Vol. IV*, 2nd ed. (London: Seeley, Burnside, and Seeley, 1846), 232.

³³⁵ Nathaniel West, *The Thousand Year Reign of Christ* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1993), 420.

³³⁶ Knox Theological Seminary, “*An Open Letter to Evangelicals and Other Interested Parties: The People of God, the Land of Israel, and the Impartiality of the Gospel*,” <http://www.knoxseminary.org/Prospective/Faculty/WittenbergDoor/>, 3 de junho de 2006.

³³⁷ Tim Price, “*The Restoration of Israel and the Kingdom of God*,” in Wright, Israel, 98.

³³⁸ Kitson, *Jerusalem*, 226.

³³⁹ Froese, *The Great Mystery of the Rapture*, 97.

³⁴⁰ Clarence H. Wagner, Jr., “*The Error of Replacement Theology*,” in Koenig, Eye to Eye,

³⁴¹ Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1994), 269.

³⁴² Hunt, *Judgment Day*, 288.

³⁴³ Hunt, *A Woman Rides the Beast*, 272.

³⁴⁴ Franklin H. Littell, *The Crucifixion of the Jews: The Failure of Christians to Understand the Jewish Experience* (Macon, GA: Mercer University Press, 1986), 2, 30, 42.

³⁴⁵ Brown, *Our Hands are Stained with Blood*, xiii.

³⁴⁶ Scofield, *Prophecy Made Plain*, 71.

Em junho de 1971, uma conferência sobre profecia bíblica foi realizada em Jerusalém. Organizada por G. Douglas Young, foi o maior ajuntamento cristão em Israel desde a declaração da independência. David Ben Gurion fez o discurso de abertura. No dia 1º de novembro daquele ano, Young e catorze outros líderes cristãos publicaram uma carta no *New York Times* intitulada “A Preocupação dos Evangélicos com Israel”, em que fizeram um alerta sobre como a política externa norte-americana no Oriente Médio estava se deslocando em favor dos árabes palestinos. Eles convocaram os cristãos evangélicos “a declarar sua crença na profecia bíblica e no direito divino de Israel sobre a terra hoje”.³⁴⁷ No dia 31 de janeiro de 1978, o Congresso Internacional para a Paz de Jerusalém foi convocado. Organizado por Young e tendo o primeiro-ministro Menachem Begin como palestrante convidado, uma resolução foi aprovada criando o International Christians for Israel, o que abriu caminho para a fundação da Bridges for Peace (BFP), da Christian Friends of Israel (CFI) e da International Christian Embassy Jerusalem (ICEJ).

No dia 30 de julho de 1980, o Parlamento de Israel declarou Jerusalém como “a Eterna e Indivisível capital de Israel”. Temendo um embargo árabe de petróleo, as treze embaixadas com base em Jerusalém foram transferidas para Tel Aviv. Em resposta ao clamor internacional que se seguiu à declaração de Israel, cristãos de 23 nações estabeleceram sua própria embaixada como um marco de solidariedade ao povo judeu, adotando como sua missão o texto de *Isaías 40.1-2*. Sob a liderança de Jan Willem van der Hoeven, a ICEJ abriu oficialmente suas portas no dia 30 de setembro de 1980. Essa organização talvez seja mais conhecida por suas celebrações anuais cristãs associadas à Festa dos Tabernáculos, as quais têm sido frequentadas por políticos israelenses e que, segundo dizem, antecipam o tempo em que as nações visitarão Jerusalém no reino milenar (*Zc 14.16-69*).³⁴⁸

No dia 27 de agosto de 1985, a ICEJ organizou o Primeiro Congresso Internacional de Liderança Sionista Cristã no mesmo auditório em que o Primeiro Congresso Sionista foi realizado. Seiscentos delegados se reuniram “para orar e buscar ao Senhor”, para reconhecer seu “débito imenso com Israel” e “para mostrar solidariedade à nação”. Durante os três congressos seguintes, realizados em 1988, 1996 e 2001, os delegados condenaram a teologia da substituição, refutaram as reivindicações palestinas à terra e renovaram seu compromisso de “trabalhar com Israel para encorajar a diáspora a cumprir a visão e o alvo de reunir em Israel a maior parte do povo judeu espalhado pelo mundo”.³⁴⁹ No dia 29 de outubro de 2005, a ICEJ lançou uma iniciativa para encorajar investimentos cristãos em Israel. Isso foi em resposta a uma campanha de desinvestimento contra Israel liderada pelo movimento palestino Sabeel,³⁵⁰ com o apoio da Igreja Presbiteriana (EUA), Igreja de Cristo Unida (EUA), Igreja Episcopal (EUA) e Comitê Consultivo Anglicano. Como parte de sua iniciativa, a ICEJ fez uma parceria com o *Jerusalém Post* e lançou uma edição cristã mensal de seu jornal para reforçar o apoio a Israel nos Estados Unidos da América.

³⁴⁷ Hanson, *A Gentile*, 343-47.

³⁴⁸ van der Hoeven, *Babylon or Jerusalem?*, 175; Mitch and Zhava Glaser, *The Fall Feasts of Israel* (Chicago, IL: Moody Press, 1987), 205-13.

³⁴⁹ ICEJ, *Declaration of the International Christian Zionist Leadership Congress* (1985); *Proclamation of the Second International Christian Zionist Congress* (1988); *Proclamation of the Third International Christian Zionist Congress* (1996).

Sabeel, “A Call for Morally Responsible Investment,”

<http://www.sabeel.org/documents/A%20nonviolence%20sabeel%20second%20revision.pdf>, 7 June 2006.

³⁵⁰ Hanson, *A Gentile*, 343-47.

A ICEJ não é a única organização no “grande mundo sem fronteiras das organizações para-eclesiásticas” por meio da qual “os cristãos têm movido esforços em prol de Israel”.³⁵¹ A Bridges for Peace foi fundada em 1976 como um ministério de reconciliação; A Christian Friends of Israel foi criada em 1985 para ministrar o amor de Cristo e ensinar à Igreja acerca da sua herança judaica; e o International Christian Zionist Center (ICZC) foi fundado em 1997 para solicitar apoio cristão baseado no texto de *Zacarias* 8.23. No dia 5 de janeiro de 2004, membros do parlamento israelense organizaram a Christian Allies Caucus, com representantes da ICEJ, do ICZC e da Bridges for Peace participando da reunião inaugural. No dia 2 de março de 2004, esses grupos se juntaram ao Christian for Israel (CVI) para fundar a European Coalition for Israel (ECI) que discute o crescente antissemitismo na Europa.

Em forte contraste à ICEJ, o foco primário de organizações como Jews for Jesus, Ariel Ministries, Chosen People Ministries e Moriel é a evangelização. A ICEJ, o Ebenezer Emergency Fund International e o Exodus têm sido criticados por adotar uma abordagem não evangelística e do tipo *o amor-nunca-falha* em relação aos judeus. Como Louis Goldberg esclarece:

Se tudo que compartilhamos com os israelitas é nosso amor, então perdemos o significado básico do verdadeiro amor. É o amor de Yeshua (Jesus) e somente sua expiação que mudam as pessoas... O mero amor humano somente ama as pessoas dentro de uma eternidade perdida! Temos que ser fiéis a uma teologia e a uma missiologia que honram a Deus.³⁵²

Sem um foco evangelístico, o lema “o amor nunca falha”³⁵³ é incompatível com o sionismo cristão. Se “a pregação do evangelho” é “um artigo de fé”³⁵⁴ para o cristão, então “o povo judeu precisa ouvir o evangelho”. Como Baruch Maoz insiste, “nós judeus precisamos de Jesus porque somos tão pecadores como qualquer outra pessoa.”³⁵⁵ De acordo com um amigo judeu cristão, Stan Telchin, “a prática mais antissemita que um cristão que crê na *Bíblia* pode realizar contra o povo judeu é negar-lhe o acesso às boas novas do Messias Jesus”, sem o qual “o povo judeu não tem esperança”.³⁵⁶

Conclusão

A *Enciclopédia Judaica* define erroneamente sionismo cristão como “o apoio ativo dos cristãos” ao sionismo.³⁵⁷ Como temos visto, sionismo cristão não é a “cristianização” do sionismo, nem uma reação a ele, mas é firmemente fundado na tradição evangélica. Outra crítica importante é feita por Merrill Simon, um sionista judeu, que observa que:

Muitos judeus não diferenciam os diversos grupos cristãos. Para eles, um não judeu é um não judeu; todos os cristãos são farinha do mesmo saco. Costumam não fazer distinção entre católicos, evangélicos e a igreja protestante liberal.³⁵⁸

³⁵¹ Paul C. Merkley, *Christian Attitudes towards the State of Israel* (London: McGill-Queen's University Press, 2001), 163.

³⁵² Louis Goldberg, “*Historical and Political Factors in the Twentieth Century Affecting the Identity of Israel*,” in House, Israel, 136.

³⁵³ Geoffrey Smith, “*Appendix: Love Never Fails*,” in Wright, Israel, 313-15.

³⁵⁴ Brog, *Standing with Israel*, 188.

³⁵⁵ Baruch Maoz, *Judaism Is Not Jewish: A Friendly Critique of the Messianic Movement* (Fearn: Christian Focus Publications Ltd., 2003), 43-44.

³⁵⁶ Stan Telchin, *Abandoned: What Is God's Will for the Jewish People and the Church?* (Grand Rapids, MI: Chosen Books, 2003), 172, 177.

³⁵⁷ *Encyclopaedia Judaica: Vol. XVI*, 1152-53.

³⁵⁸ Merrill Simon, *Jerry Falwell and the Jews* (Middle Village, NY: Jonathan David Publishers, Inc., 1984), 3-4.

O sionismo cristão não se preocupa em primeiro lugar com Israel e com o povo judeu, mas sim com o Deus de Israel e com as *Escrituras* judaicas. Como Walter Riggans explica, “o sionismo bíblico focaliza Deus antes de focalizar Israel”.³⁵⁹ O sionismo cristão ensina que a sobrevivência dos judeus e o restabelecimento do Estado judeu autenticam a *Bíblia* e confirmam o plano divino de salvação. Eles também testificam que, ao separar-se de suas raízes judaicas, a Igreja deixou de enxergar os propósitos e o *amor* de Deus por Israel. Como Scofield escreveu, “é a *Bíblia* dos judeus que eu seguro em minhas mãos e, antes disso, é a *Bíblia* de Deus e é a *Bíblia* do cristão, pois a recebemos de Deus por intermédio do povo judeu”.³⁶⁰ Nas palavras de Lewis Sperry Chafer:

O amor de Deus é dirigido a Israel... Assim, o crente cheio do Espírito deve aprender a se alegrar nas tremendas profecias e propósitos de Deus para esse povo com quem ele firmou uma aliança eterna e para quem jurou amor eterno.³⁶¹

O sionismo cristão também insiste que o Senhor Jesus Cristo “é a coroa e a estrela da manhã de toda profecia”, além de “o Rei das Escrituras”.³⁶²

³⁵⁹ Riggans, *Israel and Zionism*, 30.

³⁶⁰ Scofield, *Prophecy Made Plain*, 67.

³⁶¹ Lewis Sperry Chafer, *He That Is Spiritual: A Classic Study of the Biblical Doctrine of Spirituality*, Revised ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1967), 50.

³⁶² Sauer, *The Dawn of World Redemption*, 155.